

PÁGINA 22

INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO



NÚMERO 41
MAIO 2010
R\$ 15,00



Viva

A razão dá argumentos de sobra. Mas só a emoção para nos envolver em causas essenciais

CLÓVIS DE BARROS FILHO: interdependência significa amor pelo mundo

CIDADES CRIATIVAS: o singular aponta caminhos para o desenvolvimento

DESIGN: a estética do *high-tech* contrapõe-se à ética da sustentabilidade?

SER UM BANCO
INDISPENSÁVEL
PENSANDO NO QUE
É INDISPENSÁVEL
PARA O MUNDO.
VAMOS FAZER
JUNTOS?

Nós do Santander estamos ampliando as práticas sustentáveis em nossos negócios. Aprendendo junto com a sociedade, vamos continuar como uma empresa referência em sustentabilidade, compartilhando nosso conhecimento e gerando oportunidades para que outros também sejam.

- **Fazer no banco o que queremos que seja feito no mundo:** nossas práticas de ecoeficiência baseiam-se nos princípios da redução, reutilização e reciclagem, como o uso de papel certificado em nossa comunicação, as certificações ambientais e as práticas de construção sustentável em nossas agências.
- **Um negócio só é bom quando é bom para todo mundo:** conhecendo melhor nossos clientes, podemos não só desenvolver produtos e serviços que considerem questões sociais e ambientais, como também orientá-los em suas decisões para uma vida financeira saudável.
- **Em vez de crescer sozinhos, crescer com a sociedade:** com o Programa Amigo de Valor, o Fundo Ethical, o Microcrédito, o Santander Universidades, o Papa-Pilhas e muitas outras iniciativas, despertamos a consciência das pessoas para novos comportamentos e oportunidades.
- **Melhorar o mundo também é lucro:** queremos inspirar pessoas e empresas a praticarem a sustentabilidade, mostrando que esta é uma forma contemporânea de se viver e fazer negócios. Por isso, promovemos o diálogo e compartilhamos nossas experiências no Espaço de Práticas em Sustentabilidade.

Conheça melhor essas e outras iniciativas sustentáveis que desenvolvemos e saiba o que você e sua organização podem fazer para construir um mundo melhor.

Acesse www.santander.com.br/sustentabilidade e siga-nos no Twitter: @santander_br



VALORIZANDO IDEIAS
POR UMA VIDA MELHOR

(Des) envolva-se

As grandes questões da atualidade referem-se à ideia de desenvolvimento. Mas, desta vez, vamos tratar de *envolvimento*. Há mais que um jogo de palavras aí, pois do engajamento em torno de causas essenciais é que se pode buscar uma evolução mais do que social – uma evolução humana.

A revista *Science* acaba de publicar um estudo confirmando o que já se temia: não apenas os países signatários da Convenção sobre Diversidade Biológica descumpriram as metas de conservação estabelecidas para 2010, como, na qualidade de espécie humana, protagonizamos a mais veloz e avassaladora destruição da vida na Terra. Não é algo que possa dignificar nossos currículos de *Homo sapiens*.

Entendendo a vida como o mais essencial dos valores, atravessamos uma crise ética de ampla dimensão em relação ao outro e ao próprio eu, já que a vida é uma teia interdependente. Talvez a questão prática e mais desafiadora seja como ligar essa constatação científica com a emoção que nos faz levantar da cadeira e agir.

No Brasil, por exemplo, um dos mais questionáveis empreendimentos em discussão deve ser avaliado, sobretudo, do ponto de vista ético. A Bacia do Rio Xingu, onde se pretende construir a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, abriga uma diversidade de peixes quatro vezes maior que a existente em todo o continente europeu, e a questão ainda é maior que esta. O projeto atinge em cheio populações indígenas, comunidades locais, florestas, um equilíbrio fino da vida em seus variados aspectos sociais, culturais, religiosos e biológicos.

O argumento usado a favor da usina, de que ela se presta ao bem geral da nação, exemplifica um questionamento de Clóvis de Barros Filho, em entrevista à página 10. Por que o suposto bem de uma maioria justificaria a perda irreparável de uma minoria, como a indígena? A quantidade expressa em uma maioria vale mais que uma singularidade local? Quem define esses pesos? Esse é mais um dilema ético, que requer envolvimento e discussão apaixonada.

Boa leitura

PAGINA 22

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

FGV
GVces
Centro de Estudos em
Sustentabilidade da EAESP

COORDENADOR Mario Monzoni
COORDENADORA-ADJUNTA Rachel Biderman

JORNALISTAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini
EDITORA Amália Safatle
REPÓRTER Carolina Derivi

EDIÇÃO DE ARTE Vendo Design
Dora Dias (edição de arte e ilustrações) e
Marcius Marques
www.vendoeditorial.com.br

EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi
REVISOR José Genuíno Moura Ribeiro
COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Adriana Ramos, Ana Cristina d'Angelo,
Beto França, Clei Leão, Eduardo Shor, Elisa Hoepfers, Ezio Lorenzetti,
Flavia Pardini, Maria Lutterbach, Maristela Bernardo, Regina Scharf
ENSAIO FOTOGRÁFICO Arnaldo Pappalardo

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Amália Safatle (MTb 22.790)

MARKETING
COORDENAÇÃO Jorge Saad / Aiuê: conteúdo relevante
(11) 3807-7084 / jorge@aiue.com.br

COMERCIAL E PUBLICIDADE Tupinã Assessoria de Comunicação Ltda
Júnior Tupinã (11) 2597-0090 / (11) 8202-4825
junior@tupina.com.br

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Alameda Itu, 513 - CEP 01421-000 - São Paulo - SP
(11) 3284-0754 / leitor@pagina22.com.br
www.fgv.br/ces/pagina22

IMPRESSÃO NeoBand Soluções Gráficas
DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição

CONSELHO EDITORIAL
Aron Belinky, Cynthia Rosenberg, José Carlos Barbieri,
José Eli da Veiga, Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi,
Ricardo Guimarães, Roberto Waack

Os artigos e textos de caráter opinativo assinados por colaboradores
expressam a visão de seus autores, não representando,
necessariamente, o ponto de vista de PÁGINA22 e do GVces.

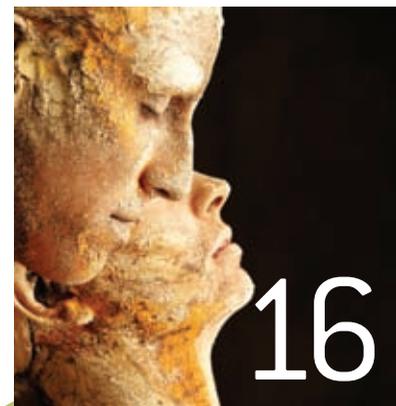
TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 5.000 exemplares

FSC Fontes Mistas
Grupo de produto proveniente de florestas
bem geridas, fontes controladas
e madeira ou fibra reciclada
www.fsc.org Cert no. BV-COC-087266
©1996 Forest Stewardship Council

A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORESTAMENTOS
CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS

CC creative commons PÁGINA 22, NAS VERSÕES IMPRESSA E DIGITAL, ADEIRIU À
LICENÇA CREATIVE COMMONS. ASSIM, É LIVRE A REPRODUÇÃO DO
CONTEÚDO – EXCETO IMAGENS – DESDE QUE SEJAM CITADOS COMO FONTES A PUBLICAÇÃO E O AUTOR.

CAPA: FOTO BRUNO BERNARDI; ARTE CORPORAL: BETO FRANÇA; MODELOS: CLEI LEÃO e ELISA HOEPFERS



Notas **6**

Entrevista **10**

Ética e estética **16**

Análise **24**

Percepções **25**

Cultura **26**

Retrato **30**

Cidades Criativas **36**

Coluna **41**

Eleições **42**

Design **44**

Última **50**

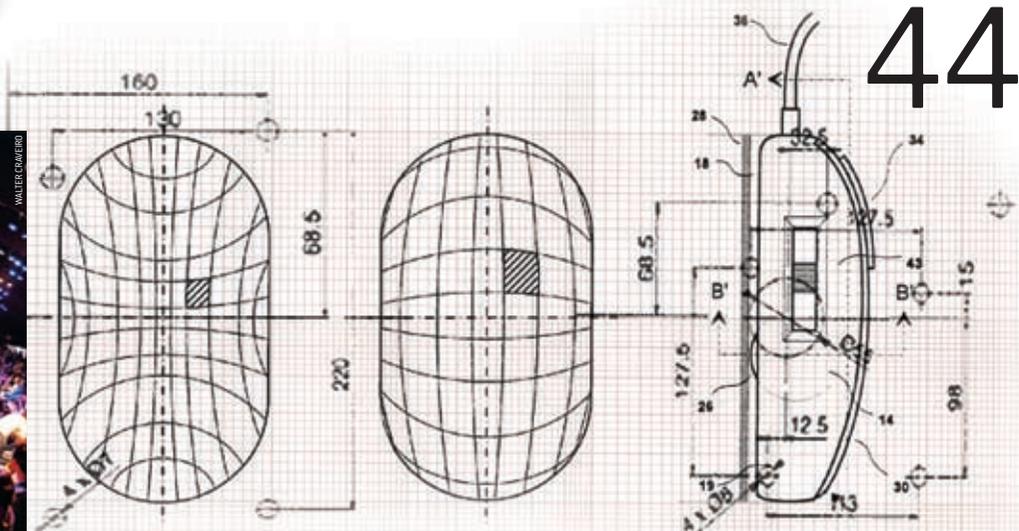
O professor de Ética Clóvis de Barros Filho desconstrói certezas e traduz interdependência como amor pelo mundo

A razão é profícuca em argumentos. Mas só a emoção para envolver de fato as pessoas em causas essenciais

Para além de categorizações, preceitos e julgamentos, o que emana da arte é a necessidade de transcender

A singularidade cultural de uma cidade aponta caminhos aparentemente improváveis para seu desenvolvimento

Na estética dominante do *high-tech*, estaria a ética da sustentabilidade ficando para trás?



[GESTÃO]

Algo de novo no ar?

O *Barômetro da Confiança*, pesquisa feita pela empresa de relações públicas Edelman, apontou em 2010 a emergência de uma nova reputação corporativa, em que confiança e transparência são tão importantes quanto resultados financeiros e qualidade de produtos e serviços no julgamento que os consumidores fazem de empresas e marcas com que se relacionam.

No caso das companhias americanas, 83% dos consumidores disseram que transparência e práticas honestas são o fator mais importante para a reputação de uma empresa. Alta qualidade de produtos e serviços aparece com 79%, seguida de comunicação frequente, com 75%, e bom tratamento dos empregados, com 72%. Para 64% dos consumidores ouvidos, é importante que a empresa seja boa cidadã corporativa, enquanto 45% afirmaram dar importância aos resultados financeiros.

Em levantamento semelhante feito em 2006, os principais fatores apontados pelos consumidores foram qualidade, com 53%, atenção às necessidades dos consumidores, com 47%, e boa performance financeira com 42%. Naquele ano, apenas 33% dos respondentes disseram se importar que a empresa fosse responsável socialmente.

Para a Edelman, os resultados de 2010 são suficientes para inaugurar a

nova reputação baseada em confiança e transparência. É bom notar, entretanto, que as perguntas feitas aos entrevistados em 2010 foram formuladas de forma diferente do que em 2006, quando o consumidor podia escolher apenas uma alternativa relacionada a questões de responsabilidade social. Na décima edição do *Barômetro da Confiança*, a Edelman ouviu 4.875 pessoas. — **por Flavia Pardini**

[CONSUMO]

Uma questão de status

Não são só as empresas que estão atrás de reputação. Os consumidores também, segundo artigo recém-publicado no *Journal of Personality and Social Psychology*, resultado do trabalho interdisciplinar de pesquisadores das universidades de Minnesota e do Novo México e da Escola de Negócios de Rotterdam.

Os pesquisadores partem do aparente paradoxo de que o carro mais bem-sucedido na história recente nos EUA é o **Prius**, da Toyota, um híbrido (gasolina/eletricidade) com motor medíocre que custa muito mais que outros modelos. Entre os cinco principais motivos que levam os consumidores a comprar o Prius, o meio ambiente aparece em último lugar. O fator mais importante é a mensagem que o carro passa: mostra ao mundo que seu dono se preocupa com o meio ambiente.

Em uma série de experimentos, os autores detectaram que a busca por status leva as pessoas a escolher produtos verdes que beneficiam a sociedade em vez de produtos mais luxuosos com o mesmo preço. O desejo por produtos verdes é maior quando os consumidores compram em público do que quando o fazem na privacidade, usando a internet, por exemplo. Neste último caso, em vez de sacrifício em nome do bem comum, o principal elemento por trás das escolhas é a autossatisfação.

"Juntos, esses resultados sugerem que, embora produtos verdes possam oferecer menos luxo, conveniência e performance do que produtos convencionais, eles oferecem um importante benefício em relação ao status: permitem que as pessoas se mostrem em favor do social e não de si mesmas". Para os pesquisadores, essa pode ser ferramenta poderosa para motivar a ação em favor da sociedade e do meio ambiente. (FP)

[CLIMA]

Em direção aos 3 graus



O Acordo de Copenhague, assinado por 76 países depois da fracassada reunião em dezembro passado sobre mudanças climáticas, tem como objetivo limitar o aumento da temperatura global média em 2 graus. Mas, de acordo com estudo feito por uma equipe do Potsdam Institute for Climate Impact Research e publicado na revista *Nature*, é mais provável que leve a um aumento de **3 graus até 2100**.

Os cientistas analisaram as metas prometidas pelos países signatários do acordo e concluíram que as emissões anuais de gases de efeito estufa devem aumentar entre 10% e 20% em relação aos níveis atuais até 2020. Isso porque, na

falta de um acordo global mandatário, cada país deve cumprir o patamar mais baixo de sua meta. Além disso, os pesquisadores consideraram brechas que permitem aos países emitir mais do que o prometido oficialmente. Os cientistas alertam que, para começar a reverter o quadro, é essencial que um acordo mais ambicioso do que o de Copenhague seja alcançado nos próximos dois anos. (FP)

[MÍDIA]

Clima de colaboração

É com colaboração que sete veículos de comunicação americanos pretendem combater os elementos que vão contra uma boa cobertura sobre as mudanças climáticas e trazer informação de qualidade aos leitores. Lançada em abril, a Climate Desk junta os esforços das revistas *The Atlantic*, *Mother Jones* e *Wired*, dos websites *Grist* e *Slate*, do programa da TV pública *Need to Know* e da ONG Centre for Investigative Reporting.

O que os levou a colaborar em vez de competir, dizem os editores, é o fato de que as mudanças climáticas e seus impactos humanos, ambientais, econômicos e políticos são uma "história fascinante e importante", mas que "não tem sido bem contada".

Por trás da Climate Desk está a ideia de apenas uma editoria – ou *desk*, em inglês – para tratar de assuntos conectados pelas mudanças climáticas, no lugar de compartimentalizar a cobertura em editorias de ciência, tecnologia, política, negócios etc. Em vez da preferência da cobertura tradicional a notícias sobre a vida selvagem ou o "debate" sobre a existência das mudanças climáticas, os parceiros prometem centrar-se no que consideram a notícia mais importante: "Como vamos enfrentar, mitigar ou nos adaptar" a essas mudanças.

Os resultados dos esforços conjuntos são publicados pelos parceiros e no website www.theclimatedesk.org. A primeira série trouxe reportagens sobre



como as empresas estão se adaptando à mudança climática, mas os editores garantem que as próximas podem incluir críticas à ciência climática ou a grupos que advogam a ação para mitigá-la. "Nosso único dogma é o bom jornalismo". (FP)

[EDUCAÇÃO]

Sala de aula amazônica

Dizem que a gente só aprende mesmo quando vivencia, quando experimenta. Sem isso, o conhecimento não passa de um arquivo morto entulhado em nossos cérebros. Vivo, vivíssimo, tem sido o aprendizado dos alunos da nova disciplina eletiva da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV-Eaesp), a Formação Integrada para a Sustentabilidade (FIS). Tem a sustentabilidade como norte, a transdisciplinaridade como eixo e um projeto-referência como desafio – e desafiador é a palavra certa para o projeto inicialmente escolhido: Belo Monte.

Durante 10 dias em contato com a realidade amazônica, os **alunos da FIS** envolveram-se com as questões da usina,

a população local, as comunidades indígenas, governos e representantes das empresas. "A tarefa dos alunos – chamada de desafio – é produzir um parecer para dois grandes bancos signatários dos Princípios do Equador, com recomendações sobre financiar ou não o empreendedor vencedor do leilão para a construção de Belo Monte, a partir da análise dos riscos socioambientais vis-à-vis a oportunidade de negócio", explica Mario Monzoni, professor da disciplina.

Os alunos também tiveram a oportunidade de conhecer as obras de instalação da UHE Jirau, no Rio Madeira, onde os impactos de um empreendimento hidrelétrico já são sentidos, e fazer suas comparações. Em gvc.es.wordpress.com, acesse vídeos e posts. — **por Amália Safatle**

[HABITAÇÃO]

O sonho da casa sustentável própria

Construir residências com base em projetos sustentáveis é cada vez mais barato não apenas para a natureza, mas



para o bolso. Na 2ª Ambiental Expo 2010, em São Paulo, foi apresentado um **protótipo** de casa popular, de 40 metros quadrados, cuja execução custaria R\$ 45 mil. Um modelo similar, sem os recursos da sustentabilidade, ficaria entre R\$ 35 mil e R\$ 40 mil. A vantagem é que, com o passar do tempo, essa diferença de valor pode ser compensada, diante da economia no consumo de diversos itens. Entre eles, eletricidade. O sistema que capta energia solar para aquecer a água permite redução de 30% no uso de energia elétrica do chuveiro. Em comparação ao *boiler*, a diminuição é de 70%.

A captação da chuva no telhado faz o morador gastar até 50% menos de água, já que a reaproveita nos sanitários e na irrigação do jardim. Um espaço entre o teto e a telha de celulose reciclada faz parte de

uma solução arquitetônica que facilita a circulação do ar no espaço interno, possibilitando menos uso de ventilador ou ar-condicionado.

Os tijolos de solo-cimento não queimam cerâmica nem lenha no processo de fabricação, reduzindo emissão de gás carbônico. "Não é apenas economia de energia, mas um projeto que se traduz em mais conforto e qualidade de vida para quem vai morar na casa", diz Luiz Henrique Ferreira, diretor da construtora Inovatech, que idealizou o protótipo em conjunto com a Fundação Vanzolini e o arquiteto Rodrigo Mindlin Loeb. Antes do fim do ano, é possível que se tenha o primeiro condomínio de casas populares certificado com o selo Aqua, atribuído pela Fundação. — **por Eduardo Shor**



[ERRATA] Ana Valeria de Araújo, coordenadora-executiva do Fundo Brasileiro de Direitos Humanos, não integra o comitê orientador do Fundo Amazônia, ao contrário do que foi publicado na reportagem "Democracia em três atos", na edição 40. Ela apenas participou de uma oficina técnica com fundos de pequenos projetos promovida pelo Fundo Amazônia.

FALA, LEITOR *Histórias e ideias de quem lê PÁGINA22*



Para atuar na área de sustentabilidade, Tiago, o que é preciso?

— Humildade, humildade, humildade.

Tiago Carvalho de Moraes tem 29 anos e é coordenador socioambiental da Plantar. Trabalha com as comunidades onde a empresa planta eucalipto para virar o carvão vegetal das siderúrgicas. Seu ganha-pão e desafio diário é o relacionamento com os pequenos produtores, comunidades tradicionais e viventes do Cerrado mineiro cantado por Guimarães Rosa no seu *Grande Sertão: Veredas*.

Engenheiro agrônomo formado em Viçosa (MG), começou a carreira trabalhando em projetos relacionados à agricultura familiar orgânica, passando pela área de segurança do trabalho e chegou à coordenação socioambiental da Plantar, que, segundo ele, acaba reunindo as atividades anteriores somadas a outras empreitadas.

"Quando chegamos a uma comunidade ou mesmo na casa de um vizinho nosso, o principal é respeitar. Não chegamos com discurso pronto, primeiro vamos para escutar", afirma. A Plantar conta com o trabalho de ONGs da região, como o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, que realiza trabalhos voltados para a educação, geração de renda, o fortalecimento e resgate da cultura local. Paralelamente também são feitos monitoramentos de fauna, flora e recuperação de áreas degradadas.

— E como têm andado esses projetos, Tiago?

— Tem muita coisa pra ser feita, mas já temos resultados interessantes. Um exemplo são as cooperativas de

apicultores que comercializam o excedente na região. Outro grupo que vem crescendo é o que trabalha com plantas medicinais. E tem também as mulheres, que estão fabricando sabão usando o abacate.

Tiago acredita que iniciativas como essas são as alternativas para evitar mais êxodo rural e inchaço das cidades. "O que a gente pensa ser verdade com os estudos, com a ciência, pode não ser real para quem tem a vivência. Esse convívio harmônico de todos é nossa busca."

A Plantar foi questionada sobre o seu projeto de Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), quando organizações sociais alegaram que esse projeto apresentava irregularidades. Procurada por PÁGINA22, a empresa informou que todos os plantios do projeto são certificados pelo Forest Stewardship Council (FSC) e que este foi reconhecido como "o melhor projeto de MDL implementado no Brasil", em prêmio concedido pela revista *Meio Ambiente Industrial*, em parceria com os ministérios da Ciência e Tecnologia e do Meio Ambiente. **[ACD]**

PÁGINA CULTURAL

por ANA CRISTINA D'ANGELO

Cerrado para o mundo

O FOTÓGRAFO JOÃO CAETANO faz desde 1994 um registro fotográfico do *Cerrado* que é a mola mestra de seu Projeto Alerta (www.projetoalerta.com). É que João é também pesquisador do bioma e ambientalista, mas prefere sua faceta artística para convencer e sensibilizar as pessoas. "Prefiro dizer que sou um apaixonado pelo Cerrado". No site bacana do projeto, o internauta vai encontrar imagens da fauna, da flora e dos rios com um olhar diferenciado do artista. Pôr do sol, resinas, troncos,



formas se encontram para dar corpo e cor ao bioma. As imagens também correm mundo. João vai levar seu trabalho para Bélgica, Suíça e Israel ainda este ano, por meio de parcerias com governos e instituições voltadas para a sustentabilidade. Aqui no Brasil, o fotógrafo expõe em São Paulo e Brasília no segundo semestre. A persistência de João Caetano chamou a atenção do jornalista goiano Mariley Carneiro, que dirigiu o documentário biográfico *O Olhar de João*, ainda fora do circuito comercial.

SOS Terra 2010

Uma megaexposição do artista plástico Thiago Costackz com o nome *SOS Terra 2010* está em cartaz no Shopping Center 3, em São Paulo. A mostra reúne a escultura *SOS*, medindo 5 x 3 metros em madeira certificada; a *Onça Pintada* e a *Sapos Coloridos da Amazônia*, cada uma com 2,30 x 1,5 metros. Com 10 metros, a escultura *Cobra Papagaio* chama a atenção do público que passa pelo local, assim como fotos de *body art* dos animais em extinção pintados no corpo do próprio Costackz. O artista potiguar radicado em São Paulo pretende levar a mostra para Curitiba em junho. "A principal mensagem é conscientizar a população para as espécies em extinção e as catástrofes climáticas, além de alertar para a situação do planeta por meio da arte, mostrando a flexibilidade de matérias-primas inteligentes utilizadas na exposição, porque tudo foi ecologicamente pensado", explica o artista, que usou madeiras com selo FSC, tecidos eco com pó de metal inutilizado e tintas à base d'água. A exposição tem o apoio do Grupo Orsa.

SERVIÇO: *Exposição:* SOS Terra 2010 *Entrada gratuita*

Onde: Shopping Center 3 – Av. Paulista, 2.064, São Paulo (até 22 de maio) e Shopping Mueller – Av. Cândido de Abreu, 127, Curitiba (25 de maio a 27 de junho)

Tudo o que eu não invento é mentira

Insistência, paciência e delicadeza do diretor Pedro Cezar construíram o documentário *Só Dez Por Cento é Mentira – A desbiografia oficial de Manoel de Barros*, um original mergulho cinematográfico na biografia inventada e nos versos fantásticos do poeta mato-grossense. Alternando sequências de entrevistas inéditas, versos de sua obra e depoimentos de "leitores contagiados" por sua literatura, o filme constrói um painel revelador da linguagem de Barros. ***Só Dez Por Cento é Mentira***



ultrapassa as fronteiras convencionais do registro documental. Emprega dramaturgia, cria recursos ficcionais e propõe representações gráficas alusivas ao universo extraordinário da poesia de Manoel.

Procurando ressignificar as "desimportâncias" biográficas e a personalidade de Manoel de Barros, o diretor Pedro Cezar, responsável pelo roteiro e pela narração, pontua o filme com momentos de breves testemunhos ao fundo. Narrado na maior parte das vezes em tom pessoal, o filme busca, sobretudo, "uma voz que se aproxime da simplicidade e da afetividade

do personagem e que se afaste da soberba e da pretensão de uma análise teórica sobre poesia no *idioleto* (idioma + dialeto) mannelês", diz o diretor. Manoel de Barros tem 93 anos, cerca de 20 livros publicados e vive atualmente em Campo Grande. Exibido em festivais e circuitos alternativos, pena que ainda não entrou em cartaz nas salas comerciais. Mais em: www.sodez.com.br.

Slow Fashion e Cor de Cravo

Qualidade e não quantidade, atemporalidade, uso de materiais naturais e orgânicos, relações de trabalho justas, valorização do artesanal. Estes são os princípios do Slow Fashion, movimento que começou na comida e chegou até a moda. O movimento propõe consumo consciente levando em conta nossa individualidade, o ciclo das roupas e o impacto de cada comprinha. Os princípios do Slow Fashion e mais um monte de informação relevante e recente sobre sustentabilidade e moda você encontra no site www.cordecravo.com.br, feito por uma *designer* que se enveredou pelos caminhos da moda sustentável e partilha suas experiências, conhecimento e tendências internacionais. Você abre a carteira para novos produtos. Por que não abrir a cabeça para novas ideias? Proposta feita.

É o afeto, estúpido

A entrevista a seguir pode provocar emoções fortes naqueles que se aferram demais às suas convicções. Palestrante consagrado e professor de Ética da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP), a especialidade de Clóvis de Barros Filho é desconstruir certezas. E deste exame minucioso, na melhor tradição filosófica, não escapam sequer os critérios éticos mais fundamentais da sustentabilidade.

Mas nada disso desqualifica a discussão, demonstra o professor. Materialista, como se intitula, Barros Filho diz que a sustentabilidade é a própria ética, a busca da melhor maneira de viver e conviver, aqui e agora. E, enquanto a lógica “consequencialista” de longo prazo apresenta as suas falhas, de certo mesmo só restam as emoções. O imperativo sustentável da interdependência poderia ser traduzido também por amor, “amor pelo mundo”, em que amante e amado compartilham o mesmo destino de alegria ou de tristeza. Um resultado que, a seu ver, só pode ser alcançado por uma “política civilizatória”, pautada pela educação.

“De tempos em tempos o mundo se organiza para zombar das nossas expectativas”, diz o professor, a exemplo da crise econômica recente. A despeito da hegemonia dos argumentos, toda elaboração racional seria, então, fluida e perecível, como também são os afetos e o próprio mundo.



Na sua opinião, a incorporação e a prática do ideário da sustentabilidade acompanham a extraordinária notoriedade que o termo adquiriu? Não só a prática não acompanha como também não há clareza do que isso queira dizer. O mundo das corporações está muito acostumado a reproduzir discursos sem uma discussão sobre o significado dos conceitos que mais usa. Eu tenho até para comigo que não existe mesmo um sentido só. Talvez até uma espécie de luta pela definição legítima. Eu quero crer que a busca dos fundamentos desse tipo de conceito seja uma atividade fundamental para termos expectativa de um alinhamento prático. Tenho a impressão de que a sustentabilidade é mesmo uma questão ética por excelência, portanto uma questão prática por excelência. Serviria como uma espécie de critério de definição da vida boa. Quando várias vidas passam pela cabeça é preciso escolher alguma. Usamos critérios existenciais. Esses critérios se desmentem muitas vezes, contradizem-se. O mundo corporativo chama esses critérios de valores. A sustentabilidade é um valor nesse sentido, uma chave existencial que se utiliza para escolher uma vida em detrimento de outras.

É só o capítulo mais recente de uma busca atemporal pela vida boa?

A busca sempre existiu e a sustentabilidade também. Talvez só a palavra seja recente. Eu vejo na ideia de sustentabilidade um fundamento remoto do pensamento grego dominante. E que tem a sua fórmula mais bem-acabada no pensamento estoico. Quero dizer, os gregos estavam convencidos de que o universo é ordenado, cósmico. Isso significa que as coisas têm um lugar para estar, têm uma atividade que lhes é própria, o universo teria uma concepção sistêmica. Somos parte da engenhoca. Da mesma maneira que uma porquinha de um relógio não vê as horas, nós também não vemos para que serve o universo. Eu tenho a impressão de que o conceito de sustentabilidade é inseparável dessa ideia. A de que uma vida mal vivida não só é ruim para quem a vive, mas estraga muito mais coisa. O que diferencia simplesmente uma ação boa de uma ação sustentável? Justamente as consequências dessa ação para outras existências. Na perspectiva grega, isso se chama lugar natural. E o indicativo de que a pessoa está no lugar certo é a *eudaimonia*, que a gente tem traduzido como felicidade. O Romário catando no gol está fora de lugar. O problema é que o Romário, de goleiro, não só entristece, tem um desempenho pífio, mas ele também fode o time. Isso nos permitiria concluir que a reflexão sobre a própria vida tem que considerar a vida dos outros. A sustentabilidade vai na contramão de tudo aquilo

que se tem falado sobre o individualismo da pós-modernidade, o consumismo, como se o próprio prazer fosse o critério único de definição das vidas.

Isso tem tudo a ver com ética, no sentido de que a ética só se dá nas relações... Partindo da premissa de que a ética é toda reflexão sobre a melhor das vidas possíveis e partindo de uma segunda premissa de que o mundo em que vivemos é social, a conclusão a que chegamos é que a ética é a reflexão sobre a melhor maneira de conviver. E naturalmente a sustentabilidade só explicita a importância da relação como critério de definição de existências individuais.

A Teoria da Espiral do Silêncio, de Elisabeth Noelle-Neumann, diz que as pessoas têm tendência a acompanhar a opinião dominante. Isso aconteceu com a sustentabilidade? Há um consenso no discurso que não necessariamente se traduz nas formas de aplicá-lo? Eu me atrevera a dizer que essa hegemonia é tanto mais facilmente conseguida quanto menos preciso é o conceito. Por que eu não me oponho à sustentabilidade? Eu não tenho a menor ideia do que seja. E depois, como não mudou em nada a minha vida, se é legal ser sustentável, se está valendo um emprego, um olhar simpático dos outros, um paparico da mídia, então vamos pela sustentabilidade. É muito interessante que os franceses chamam essa palavra de *durabilité*. E aí o termo já me agrada muito menos. A perspectiva da sustentabilidade que eu tenho não inclui nenhuma expectativa de permanência. Ao contrário, a sustentabilidade é uma forma de vida que permite a melhor transformação possível do mundo. Não consigo entender muito bem o que é que tem de durar. Porque, se a sustentabilidade é forma boa de viver e conviver, isso só se pode dar no mundo da vida onde tudo é finito mesmo, perecível. A melhor maneira de viver é também a melhor maneira de morrer, portanto, de não durar. Claro, sempre poderia haver uma reflexão na contramão. Há duas possibilidades de discussão de uma natureza humana compatível. A mais imediata é o altruísmo. Podendo agir pensando só em mim, eu vou agir pensando no outro. Mesmo que seja em meu prejuízo. Eu tenho muita dificuldade em defender essa posição.

Porque, na verdade, o altruísmo gera um benefício recíproco? Eu nem diria recíproco. No final das contas, a coisa termina em mim. Eu sou uma luta pela preservação da minha potência de agir, sou uma luta pela minha alegria, e, por alguma razão, o outro

“Qual é a ideia utilitarista central? Que uma conduta é boa pelo efeito que produz. Isso se alinha com a sustentabilidade”

vivendo melhor me alegra. Podemos comprar todo o pacote do platonismo cristão: corpo e alma, a alma é imaterial, por isso o corpo é desejanste, mas a alma está acima, então a alma pode nos guiar na contramão dos apetites do corpo e aí então eu posso ser altruísta e preferir você a mim. Esse pacote eu tenho dificuldade de comprar. E como bom leitor de (*Benedito de*) Espinoza, prefiro uma perspectiva onde corpo e alma vão paralelamente. Não vou nunca contra a minha alegria, nunca contra a minha potência de agir. Como diria (*Blaise*) Pascal, buscamos a felicidade até mesmo quando nos enforcamos. Agora, claro, pode haver a situação em que a minha felicidade dependa da sua. É o que muitos chamam de amor. Eu amo quando a alegria do amado determina a alegria do amante. E a tristeza do amado determina a tristeza do amante. Nós temos aí duas alternativas: ou uma alma transcendente que nos diz o certo a partir de uma verdade absoluta que se impõe ao nosso corpo, o que pode ser defensável também, ou uma perspectiva de amor pelo mundo, que me agrada muito mais. Em outras palavras, poderíamos dizer que quanto mais o mundo se alegrar e quanto mais eu me perceber causa dessa alegria, mais eu me alegrarei comigo mesmo e por causa disso eu agirei de forma adequada, digamos, para que outros também possam viver melhor.

Como se produz esse resultado de alegria em sintonia com o mundo?

Eu tenho para comigo que isso não é natural. Que isso tem de ser resultado de um processo civilizatório. O que todo processo civilizatório faz é alegrar, aplaudir, quando de um comportamento entendido como alinhado, e entristecer como castigo em consequência de comportamentos tidos como não alinhados. Isso dentro de uma perspectiva educativa que sai da tenra infância. Por que um sueco anda quadras para botar o lixo na lata certa e um brasileiro joga no bueiro? Certamente não é por uma genética escandinava. Certamente é porque esse sujeito aprendeu. O (*Michel*) Foucault ajuda com o conceito de “ortopedização” dos corpos. O sujeito aprende a se alegrar com certas situações e aprende a se entristecer com outras situações. A sustentabilidade tem que ser resultado de uma ortopedização dos corpos, como a civilização fez com o sexo.

O que fizemos do sexo? O sexo é objeto de uma truculenta repressão. Vou te dar um exemplo doce. Você se lembra da publicidade do tiozinho da Sukita? Tem ali um casal e o rapaz respeitadamente puxa papo com a moça. Mas tem um descompasso estético, determinado provavelmente por um desequilíbrio etário, então, demonizou-se o tiozinho Sukita. Ele é um monstro. Porque a civilização constrói uma espécie de modelo afetivo autorizado e deslegitima iniciativas heréticas. No mundo dos afetos, antes de um trabalho desse naipe, nada me impede um encantamento por

uma mulher de 70 anos quanto eu tenho 16. Ninguém tem nada com isso. Mas não. A civilização é rigorosa com essa questão de com quem você pode trepar. Ora, se a civilização faz um trabalho explicativo, diário, do erotismo autorizado, e se esse trabalho é tão benfeito, porque estatisticamente são poucos os estupradores e demais destoantes, por que com a sustentabilidade também não poderia ser assim? Em outras palavras, dentro de uma perspectiva de prêmio e castigo, não há alternativa, pois a civilização tem meios para deixar você esperto. Então, nós carecemos de uma política civilizatória orientada pela sustentabilidade.

Isso pode ser necessário também para superar dilemas éticos impostos pela sustentabilidade? Por exemplo, a ideia de preservar as condições de vida para as futuras gerações. Por que eu deveria impor limites ao usufruto da minha própria existência em nome de vidas que ainda nem existem? Escrevi bastante sobre isso. Quem discute isso são os utilitaristas, que surgem na Inglaterra no século XVIII. Qual é a ideia utilitarista central? É que uma conduta é boa pelo efeito que produz. Isso é alinhado com a ideia de sustentabilidade. A sustentabilidade também é uma filosofia moral consequencialista, os argumentos são consequencialistas, do tipo: se nós não fizermos nada agora, vamos estar fodidos mais pra frente. No utilitarismo, a boa consequência é o que eles chamam de alegria ou felicidade do maior número. O utilitarismo está presente no discurso da responsabilidade social. Não é só o lucro, mas agregar o maior número de público interno ou de *stakeholders*. O problema é que essa felicidade do maior número já é um embaço por si só.

Vou dar um exemplo dos mais simples. Eu vou dar uma aula ou uma palestra e tenho um auditório de 300 pessoas. Eu tenho que escolher a palestra que alegre o maior número. Só que eu não tenho a menor noção de quem são as 300 pessoas. E essas 300 vão chegar em casa e conversar. Então, a palestra vai afetar não 300, mas mil ou 3 mil. Qual será a melhor palestra? Já existe aí um problema. O segundo problema é: o que eu faço com o menor número? Pois se eu alegrei o maior número, só posso deduzir que entristeci o menor número. A que título a tristeza do menor número é justificável pela alegria do maior número? Isso parte de uma premissa “quantitativista” dos afetos de difícil sustentação.

E as futuras gerações? Pois então, a terceira questão é se esse maior número inclui todos os seres vivos ou só os humanos. Eu devo considerar a alegria dos animais e das plantas na hora de agir? Veja que são elementos complicadores fantásticos para quem está pensando em deliberar sobre a vida, considerando que grande parte dos efeitos da minha conduta eu não acompanho. Eu dou uma aula, o aluno gosta da aula e chama a mãe para assistir à aula. E porque ela foi à universidade, ela tropeça e quebra a perna. De certa forma, a fratura da mãe do aluno é consequência da aula

“Não vou nunca contra a minha alegria. Como diria Blaise Pascal, buscamos a felicidade até quando nos enforcamos”

que eu dei e que o aluno gostou. Claro, fica evidente que depois de certo ponto você perde a mão dos efeitos. Mas, eu pergunto, não são efeitos? São efeitos. Se eu tivesse dado outra aula, o aluno não teria gostado tanto e a mulher não teria quebrado a perna. Então, o consequencialismo tem problemas. Qual é o limite, qual é o território cronológico dessa eficácia? Até onde eu posso ter responsabilidade pela minha conduta?

E aí chegamos ao último caso, o dos que não existem ainda. Eu teria que pautar a minha vida, que é de carne e osso, com inclinações, desejos e tesões, por vidas que são apenas possíveis. E por alegrias que são apenas pressupostas a partir do meu olhar. Quem me garante que nós não soframos mutações daqui pra frente e que o indivíduo em 2100 precise de poluição para sobreviver? Não me venha dizer que é impossível, pois, se tudo começou com uma ameba, é altamente improvável nós estarmos fazendo filosofia. No entanto, aconteceu. É com o olhar de hoje que eu suponho, apenas, vidas futuras que um meteoro simples pode decretar impossíveis. E aí eu me terei privado ao longo de 80 anos de existência de satisfazer os meus desejos em nome de uma hipótese.

De repente não parece mais um dilema... Pois é. Dentro de uma perspectiva de uma vida boa, é uma transcendência na imanência. Claro, tudo isso é muito filosófico. Pessoalmente, eu teria a tendência a me preocupar menos com o mundo que eu vou deixar para os meus filhos do que com os filhos que eu vou deixar para o mundo. Há nessa história toda uma espécie de esquecimento de que, no final das contas, se a sustentabilidade é uma questão ética, é uma reflexão sobre a melhor maneira de viver. Então essa reflexão só tem sentido para quem vive. Para os que já morreram e para os vindouros, a vida não é. A vida só é aqui. Eu sou o mundo para você, você é o mundo para mim. Projeções e nostalgias são apenas refúgios decorrentes de uma vida frouxa, vivida com pouca intensidade no instante. Eu tenho a impressão de que existe um paradoxo. A defesa do meio ambiente acaba partindo de uma falta de conciliação com o real, que é instantâneo. A meu ver, há uma preocupação extraordinária com mundos que não são os nossos.

E o que dizer então sobre o consumo responsável? A crítica ao consumismo não esbarra também na ética das liberdades individuais, duramente conquistadas através dos séculos? Claro, é verdade. É por isso que eu te disse que os valores se desmentem. Da mesma

maneira que, no jornalismo, o direito à informação nem sempre caminha de braços dados com a privacidade. Você tem dois valores que se enfrentam na hora de escrever uma matéria qualquer. Vale mais a informação do público ou a privacidade do reportado? Se você puser um valor em cima do outro, o fará em função de *a priori* (de critérios pré-estipulados) de fundamentação muito difícil. “Ah, mas o interesse público supera os interesses individuais”. Ah é? E por quê? Por que é mais gente? Você cai de novo numa perspectiva quantitativa de difícil sustentação. Esse indivíduo é que compõe o todo. E a somatória dessas tristezas poderá decretar uma tristeza generalizada. Eu sou a vítima da notícia hoje, mas amanhã será você, depois você, depois você. Eu acho que são discussões importantes que têm carecido muito de fundamentação. E a filosofia tem o que oferecer. Eu vejo muito, em foros corporativos, que as pessoas sentenciam verdades com muita facilidade, sem perceber que, para cada afirmação daquela, há pelo menos dez bons argumentos em sentido contrário. Eu acho que é um assunto que está em construção. Esse tipo de reflexão ajuda muito a construir essa polifonia. Estar em construção é bom, desde que você não tenha a expectativa de um construto final, mas que permaneça sempre em construção. Porque assim é o sentido das coisas.

O senhor acredita que o “voto com a carteira” pode surtir efeito sobre o comportamento das empresas? Quando você decreta a ameaça de falência de uma empresa, é possível que ela se alinhe para não falir, porque ela luta pela sua própria conservação. Resta saber se as pessoas na hora de consumir de fato pautarão suas escolhas, de forma quantitativamente significativa, por esse valor. Em cima de preço, por exemplo. Oxalá isso aconteça.

O senhor já disse que “as crises são pedagógicas, porque reveladoras”. O que a crise econômica de 2008/2009 revelou sobre a ética dominante? A crise atual, como outras, denuncia a arrogância daqueles que querem fazer deste mundo da vida algo “prognosticável” e regido por leis seguras e firmes e, se me permitir, sustentáveis. De tempos em tempos, o mundo se organiza para zombar das nossas expectativas. De vez em quando ele faz com que cada encontro seja singular e cada afeto seja “irrepetível”. Toda formulação em cima disso é querer fazer de um episódio irrepetível uma fórmula. Portanto, um equívoco.

Então toda tentativa de balanço é frívola? Mas aí já é tentativa, você

“Toda racionalização é uma tentativa de tornar os nossos afetos aceitáveis para nós e para os outros”

já está baixando a bola. Desde que você tenha consciência de que tudo que você formular pode cair por terra em um segundo, eu acho ótimo.

O termo “ethos”, em grego, também quer dizer morada. A ética, na sua origem, tem ligação com o meio ambiente? Sempre teve. Os gregos achavam que o mundo é uma televisão e você é uma peça da televisão. Você deve viver e funcionar de acordo com o que a televisão precisa de você. Eu não posso analisar a minha vida, e nenhuma escolha existencial é adequada, se eu tomar a mim mesmo como referência. Eu tenho que tomar o todo como referência, porque é o meu papel no todo que vai permitir a vida justa, ou ajustada com o todo.

A teoria econômica sustenta que todas as nossas escolhas são orientadas por maximizar o benefício individual. É parecido com o que os animais também fazem, guiados por instinto. Afinal, o que nos aparta dos animais? Há os que não veem diferença nenhuma e eu teria tendência a me alinhar com estes. Mas há um milhão de argumentos na contramão.

Por que o senhor tenderia a concordar com estes? Porque sou um materialista. Há diferença, claro, porque há diferença entre a foca e lagosta. Então há diferença entre mim e a foca. Mas o que se está dizendo aqui é que todos os animais estariam do lado esquerdo e o homem do lado direito. Essa é a perspectiva idealista, o homem teria um suplemento a mais. Filho de Deus, uma alma transcendente e imaterial, o que você quiser botar que o discriminaria completamente. Os animais são regidos por instinto totalmente. É o que diz (Jean-Jacques) Rousseau no *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens*. O gato é 100% instinto, respeitará o seu instinto e morrerá de fome se você puser apenas um prato de alpiste do lado dele. O gato já nasce pronto, não se aperfeiçoa. Da mesma maneira que o gato não tem cultura, um acúmulo de saberes práticos. A tartaruginha sai do ovo e já vai direto para o mar. Se você põe um filé do lado de um pombo ele também não come. E o homem? Existe uma diferença significativa. O homem nasce e procura o seio materno por instinto, só que o instinto do homem não dá nem para a primeira semana. Então o homem é convidado a ir além. Transcende a sua natureza, cria, improvisa. O homem come alpiste, filé, gato, pombo, secretária. O homem não tem limite. E é esse excesso que o define.

Ou a falta? Sim, o homem excede a sua natureza porque sua base instintiva é pobre. É por isso que ele fica sem resposta. Na falta de respostas instintivas, ele procura o seu complemento, que é a própria moral, ou o que alguns chamam de vontade, deliberação

racional sobre a própria existência. Essa é a fronteira entre o desejo e a vontade em Kant. O desejo nos aproxima da animalidade, mas a vontade é o crivo racional sobre esse desejo. Quantas e quantas bundas eu já quis apalpar e não apalpei. Na contramão da teoria econômica, que nos animaliza. Mas, que fique claro, eu não sou nem de longe um discípulo de Rousseau.

A escolha de critérios éticos é um processo puramente racional? Para esses que eu acabei de citar, tipo Rousseau e Kant, sim. Para outros, não. A escolha dos critérios éticos é uma questão afetiva. A moral é uma questão de emoção. No caso dos filósofos monistas, a razão é uma atividade do corpo como qualquer outra. Se você pensa o que você pensa é também porque você sente e o que você sente. Não há uma dicotomia entre afetos e razão. Digamos que eu tenho uma professora de hidroginástica de glúteos extraordinários e eu não passo a mão na bunda dela durante um ano. Um kantiano dirá: vitória da vontade sobre o desejo, vitória da razão sobre o corpo. Mas o que um materialista dirá? Contra o afeto do tesão, outro afeto maior venceu, que seria o medo. O medo é o afeto civilizatório por excelência. E a gente não se dá conta dele, porque ele nos acompanha o tempo todo. O tesão pela bunda é esporádico, eu percebo mais facilmente. Mas o medo, como esse já está comigo, eu não me dou conta. Eu acabo acreditando que é a razão. Mas como poderia a razão ir contra os afetos, se a razão precisa de energia para funcionar? O afeto é a energia que a razão usa para funcionar.

A gente racionaliza só para justificar o que sente? Totalmente. Toda elucubração racional é meramente justificadora de uma equação afetiva da qual temos muito pouca consciência. Toda racionalização é uma tentativa de tornar os nossos afetos aceitáveis para nós e para os outros.

O senhor também já disse que a ética só se realiza numa relação concreta. Ela muda conforme o tempo e a sociedade. Mas não há critérios éticos que já perpassaram diferentes sociedades em diferentes épocas? Algo de essencial no que chamamos de valores? Não creio. O que você está querendo buscar é o mundo das ideias do platonismo. Quer buscar algum tipo de verdade que transcende o mundo da vida, indiscutível e absoluta. Eu tenho a mais firme convicção de que toda busca de verdades absolutas decorre de uma enorme fragilidade existencial. Como você não suporta o trânsito, essa insustentável leveza do ser, aí você busca puxar o freio de mão dos fluxos. E a busca das verdades é tranquilizadora. O que você quer é uma muleta metafísica. Eu convido você a viver a vida no mundo que é, com o corpo que tem, com os afetos que lhe são inexoráveis, e procurar amar o mundo tal como ele se apresenta. 

“A defesa ambiental parte da falta de conciliação com o real. Há uma preocupação extraordinária com mundos que não são os nossos”

Love, love, love

A ciência cansa de dar argumentos. Mas **só a emoção mesmo** para nos envolver na defesa de um melhor relacionamento humano e com as demais formas de vida na Terra

POR Amália Safatle # ARTE CORPORAL Beto França # FOTOS Bruno Bernardi

Quando a índia Tuíra roçou a lâmina do facão em seu rosto, foi muito medo o que José sentiu.

José Antonio Muniz Lopes, então presidente da Eletronorte, no ano de 1989, e a advertência para que não se construísse uma usina hidrelétrica no Rio Xingu, que vinha a ser Belo Monte. Ao cabo de mais de 20 anos de um escrutínio técnico e científico sobre a barragem, de toda uma argumentação sobre vantagens e desvantagens econômicas, de todo o pesar e sopesar dos impactos do empreendimento e a certeza de que a polêmica história está longe de terminar, a imagem que mais pulsa é a de Tuíra, José e um facão.

Era o pavor sentido na pele de um e a apaixonada ação do outro, na defesa desbragada de sua aldeia, de seus antepassados, de sua natureza, de si mesma. Houve muita verdade aí.

Há erros na tentativa de engajar as pessoas – um é usar a técnica apocalíptica

José virou presidente da Eletrobrás, a hidrelétrica inicialmente batizada de “Kararaô” passou a se chamar Belo Monte, mas o grito de guerra que essa palavra indígena ecoa na língua Kayapó persiste, porque a emoção é **indelével**.

Tamanho foi a pressão contrária, vinda de diversas alas da sociedade, que, na época, arquivou-se a ideia de pôr a usina no rio. Houve muita mobilização aí também.

Mas chega o ano de 2010 e o projeto acaba de ser licitado. As comunidades indígenas que serão profundamente afetadas por Belo Monte – a barragem, a secura, os desvios d’água, a morte de bichos e plantas, a alteração na dinâmica de ocupação humana de toda uma região, a profanação de uma terra que lhes é sagrada – avisam que vão à guerra se preciso for. A alma da palavra Kararaô, que paira desde antes da concepção do empreendimento, enfrentará uma sociedade regida por planos e interesses fortemente orientados por aspectos de ordem política, técnica e econômica (*mais em Análise à pág. 24*).

O que será capaz de mobilizar as pessoas nos dias de hoje em torno de Belo Monte e outros embates? O que as faz levantar do sofá em razão do próximo, seja ele o vizinho ou o índio do Xingu, seja o questionável processo de licitação de Belo Monte, seja a população economicamente desfavorecida, a natureza toda, o equilíbrio fino da vida? Essa é uma discussão, sobretudo, ética, entendendo ética como costume, jeito de agir, passível de um julgamento sobre o bem e o mal que as ações de um provocam no outro.

O filósofo e professor da Unicamp Oswaldo Giacoia Junior, em recente artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, resgata o pensamento de

Hans Jonas, para quem as éticas tradicionais – antropocêntricas e baseadas em uma concepção instrumental da tecnologia – não estavam à altura das consequências

danosas do progresso tecnológico sobre as condições da vida humana na Terra e o futuro das novas gerações. “Jonas propõe uma ética para a civilização tecnológica, capaz de reconhecer para a natureza um

direito próprio”, escreve Giacoia. De fato, na sua aventura evolutiva pela Terra, o ser humano agigantou-se em desenvolvimento tecnológico e científico. Somos um sucesso sob esse ponto de vista. Não por acaso a sociedade moderna cultua e se identifica com os valores que um traço *high-tech* evoca, como mostra reportagem sobre *design* à pág. 44.

A ciência é brilhante em produzir dados cada vez mais irrefutáveis sobre o estrago humano sobre a vida no planeta. Grandes dramas sociais persistem e os ambientais se agravam, apesar de todo o acúmulo de riquezas desde os primórdios da civilização. Por que então todo esse conhecimento e essa imensa riqueza não

➤ Ética...

Ethos, em grego, de onde deriva o termo “ética”, significa morada, casa – explica **Vitória Mendonça de Barros**, do Cetrans. Depois disso tomou um sentido mais humano (morada interior) e também cabe ao meio ambiente, entendendo-o como a casa maior que habitamos.

Enquanto a moral é imposta – há um código de conduta estipulado pela sociedade em que se vive –, a ética implica sempre escolha, escolhe-se entre agir de acordo com o seu “eu” e agir de acordo com o “outro”, do qual depende e com o qual se relaciona antes mesmo de nascer, já na barriga da mãe. Por isso, o ser humano vive no paradoxo entre a liberdade e a necessidade. “Temos a vontade que poderia nos libertar e que no fundo nos aprisiona, porque escolhemos o que fazer, mas não o que querer”, diz Vitória, em referência à emoção.

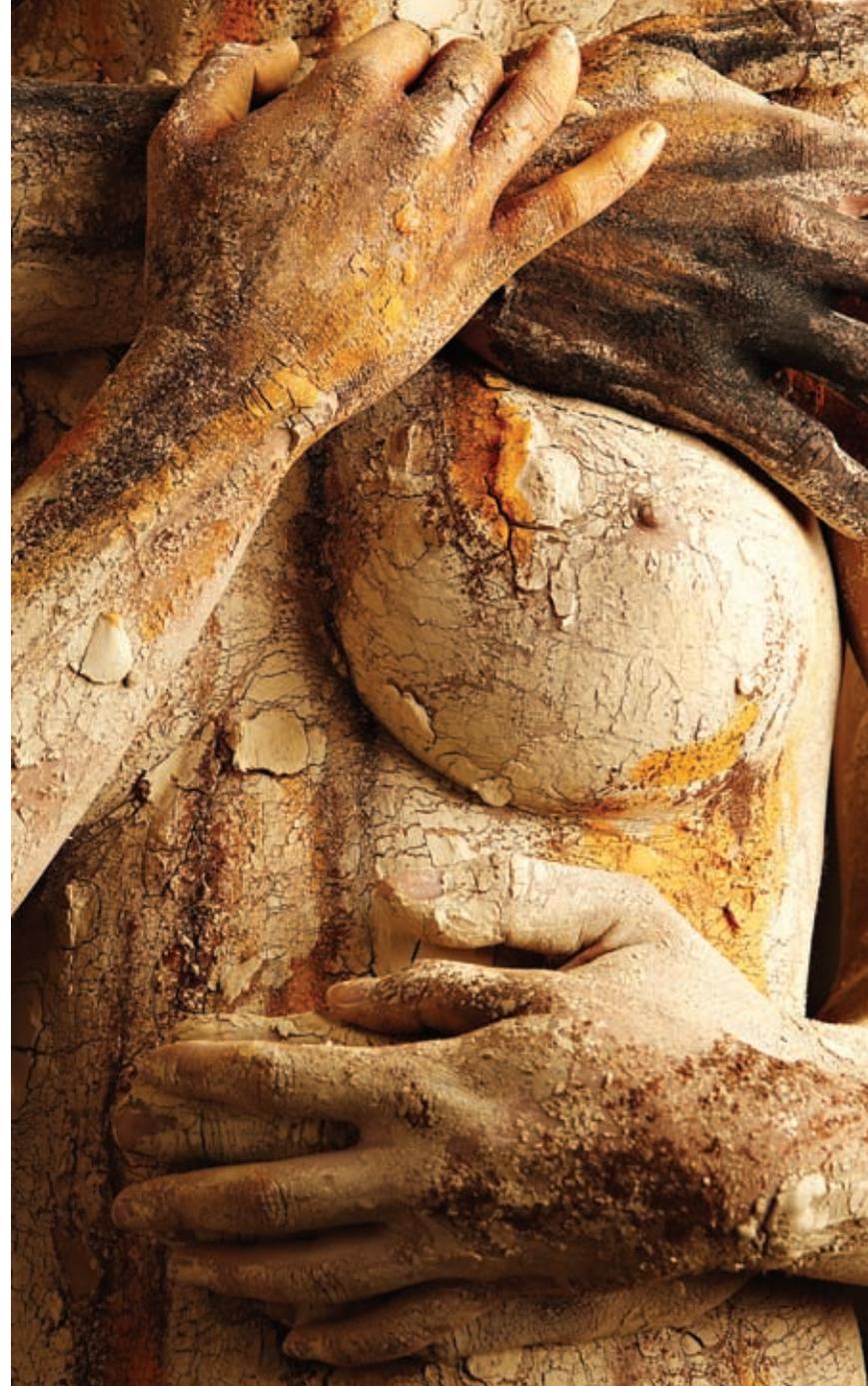
Os valores éticos mudam de acordo com a sociedade e com a sua evolução civilizatória, mas, para Vitória, alguns não mudam nunca, são os essenciais. “A vida é um deles. Sendo assim, tudo o que vai contra a vida é antiético.”

se traduzem em melhora das condições socioambientais na mesma proporção? E o que falta para as pessoas se engajarem em torno de causas essenciais de modo que a realidade seja transformada?

Emoção, emoção, emoção. Raiva, amor, indignação. Envolvimento desde a raiz dos cabelos, respondem, por meio de outras palavras, pessoas ouvidas nesta reportagem. No fórum promovido pelo Grupo Líderes Empresariais (Lide) em Manaus, o cineasta James Cameron, que se tornou referência recorrente no movimento da sustentabilidade, declarou:

– O IPCC nos deu um argumento racional perfeito (*para combater as mudanças climáticas*). *Avatar* era para criar uma resposta emocional, visceral, para combater emoção com emoção. Quando você vê a árvore caindo (*uma das contundentes cenas do filme*), fica triste e se sente moralmente escandalizado. E de repente você não é mais humano, é um Na’vi (*habitante da fictícia Pandora*). Essa é a mágica do cinema. E eu acho isso incrível. Os filmes nos permitem perseguir a verdade por um caminho de ficção.

O cinema e as demais manifestações da arte, assim como a publicidade, são os campos máximos de expressão do que a Filosofia chama de estética, ou seja, aquilo que envolve as percepções, as sensações, os sentimentos (*mais sobre arte à pág. 26*). É tudo o que move uma pessoa antes de qualquer racionalidade, pois a puxa pela



➤ ...e estética

O bem e o belo vinham juntos, para filósofos antigos como Sócrates, Platão e Aristóteles. Santo Agostinho, já no século V, resgatou os gregos para dizer que o supremo bem de Deus é a beleza. Mas Victor Aquino, da ECA-USP, lembra que foi Alexander Baumgarten, engenheiro alemão tornado filósofo, quem primeiramente cunhou o termo estética – apropriado em seguida por um nome mais famoso, Immanuel Kant.

Para Baumgarten, estética designava a ciência que trata das sensações, contrapõe-se à lógica e chega ao belo nas imagens de arte. Entre os séculos XIX e XX, porém, artistas como Salvador Dalí, Pablo Picasso e Amedeo Modigliani buscam caminhos novos e a arte perde a referência como explicação do belo, explica Aquino. Picasso pinta um rosto com dois olhos de um lado só, Modigliani retrata mulheres pescoçadas, e a estética já não serve somente para explicar o sublime e o bonito. “Na verdade, tudo o que se expressa tem um componente estético, do diário de um adolescente a um livro de memórias, passando por expressões de interesse coletivo e social. E é sempre a emoção que norteia as expressões”, diz o professor.

emoção, sem dar a ela tempo para se agarrar às cordas do pensamento lógico. Quando percebe, já está capturada, assim como nas paixões. **Gosta-se de alguém, de alguma coisa – ou alguma causa – e ponto. O desejo vence o medo.** O apaixonado é sobretudo um ser corajoso, com toda a impetuosidade que o faz avançar e agir. Trocando a filosofia em miúdos, a estética (emoção) leva a uma ética (ação).

Alguns dos entrevistados, no entanto, apontam erros fundamentais de abordagem estética em muitas tentativas de enredar a sociedade. O primeiro erro é usar e abusar do medo. Cameron também falou disso: “Nós entramos em negação. Vivemos em um mecanismo mental baseado em medo. Medo de que o mundo está mudando, medo pelas nossas famílias, pela nossa segurança, medo de que o problema em si esteja numa escala avassaladora. *Avatar* foi feito para lutar contra a negação”.

As pessoas estão cansadas com o bombardeio da imagem de um urso-polar sobre uma pequena placa de gelo. Desoladora e distante, não pega mais “na veia” do que o filósofo e ensaísta Luiz Felipe Pondé chama de “ética e estética de bando”, na melhor linha darwinista. “O urso pode não emocionar mais, mas você se envolve, diariamente, no caminho do trabalho, com o crescimento das árvores na Marginal do Rio Pinheiros. Sempre ouço alguém comentando”, diz o professor e vice-diretor da Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em referência ao Projeto Pomar, em que se cultivava um jardim nas margens do rio. Isso porque o ser humano preocupa-se, basicamente, com o que está próximo. Seja em termos espaciais, seja em termos temporais:

– Se os darwinistas estiverem certos, **somos tocados à medida que identificamos relações de bando.** A tentativa de dizer, o tempo todo, que o planeta é a nossa casa não funciona. Somos uma espécie que passa por ameaças muito grandes e, talvez por questões de adaptação, nos preocupamos primeiro com o risco iminente, com aquilo que parece



"Só se combate o business as usual com a qualidade que se usou para construí-lo"

mais próximo. Se há milhares de pessoas morrendo de fome no Zimbábue, você não vai deixar de jantar e tomar seu vinho. Por isso, o uso exacerbado de técnicas apocalípticas para chocar as pessoas não resolve mais.

Além disso, o movimento da sustentabilidade desperdiça a oportunidade de usar a seu favor as mesmas técnicas publicitárias largamente utilizadas para estimular o consumismo e perpetuar o *business as usual*. "Este só pode ser combatido com o mesmo padrão de qualidade que foi usado para construí-lo", afirma Victor Aquino, estudioso de Estética e professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, onde chefia o Departamento de Relações Públicas.

É pouco eficiente, portanto, o governo propagandar, de uma forma pouco

sedutora, os malefícios do tabagismo ou da bebida depois de a publicidade ter criado, por décadas e décadas, belíssimas campanhas de cigarro para as empresas (o tabagismo tem sido combatido especialmente por meio de restrições legais e repressão). Para Aquino, os governos mostram pouca inteligência quando não usam a publicidade para envolver a sociedade em causas voltadas ao bem público. E as ONGs, bem menos capitalizadas que o setor privado, não têm musculatura para entrar nesse páreo e lançar mão do poderoso aparato estético para envolver as pessoas.

Enquanto isso, a estética da publicidade – que está por toda parte, em propagandas e *merchandising* – constrói valores e modifica entendimentos. Por exemplo, ainda que se ressalte a

importância dos direitos da mulher, a publicidade vai na contramão e ajuda a cristalizar, por meio dos comerciais de cerveja e tantos outros, a ideia da loira burra. E por aí vai. Como reagir? Onde está a contrapublicidade?

Relacionamento, antes de tudo

Pondé sugere tomar três outras abordagens na estética da sustentabilidade. Uma delas é ampliar o entendimento desse conceito, trazendo-o para mais perto das próprias relações pessoais. A seu ver, há muito tempo martela-se o discurso de que o indivíduo deve ser livre, autônomo, cuidar de si mesmo. "Aí todo mundo fica sozinho, desesperado, não consegue se relacionar com o outro. No trabalho que faço com meus alunos, eles percebem que **as relações humanas são passíveis de erosão, assim como o solo, assim como a floresta...** uma coisa se liga à outra." Para o professor, há um *ethos* que a modernização destruiu. A conduta humana que leva à devastação das florestas e à decadência da sociedade é objeto de lamento desde o movimento romântico, nos séculos XVIII e XIX.

A questão dos relacionamentos também é um dos temas de estudo de Vitória Mendonça de Barros, uma das coordenadoras do Centro de Educação Transdisciplinar (Cetrans). De maneira simplificada, ela explica que, entre agir movido pela própria vontade ou pela vontade do outro – seja o outro o marido, filhos, amigos, seja um desconhecido –, surge um terceiro elemento: "Você não é você, e você não é o outro, mas sim o fruto de uma relação entre você e o outro. É sempre uma relação que se estabelece antes mesmo do nascimento, quando a gente se relaciona com a nossa mãe".

O filósofo Emmanuel Lévinas afirma: "Você é refém do outro que te olha". Para Vitória, esse pensador judeo-lituano naturalizado francês vivenciou uma situação tão extrema ao sobreviver ao Holocausto que adquiriu um imenso senso de urgência. Para ele, o agir vem antes mesmo do ser. Vertendo para termos filosóficos, a Ética vem antes da Ontologia. Assim, antes de saber o que é o ser, você

precisa saber como se colocar diante do ser. Ou seja, como relacionar-se.

A segunda proposta estética de Pondé é combater o que ele chama de infantilização e uso da ideia do "politicamente correto" na abordagem da sustentabilidade. Basicamente, tratar as pessoas como adultas e imperfeitas:

– Às vezes me parece que a discussão ambiental fica um pouco maniqueísta e ingênua, e com isso ela perde a oportunidade de tocar as pessoas de maneira verdadeira. Não adianta dizer que você é ou deve ser superlegal. Faz parte do ser humano, assim como da natureza, uma certa monstruosidade, uma incoerência. Claro que devemos ser morais, ao contrário dos outros bichos. Mas não adianta higienizar a natureza e o ser humano. Se você estiver muito apertado, você se vende. Depende do preço e do contexto. Não que devamos deitar no berço da imperfeição, mas é o erro que humaniza. **Tenho certeza que o politicamente correto é uma vertente do fascismo.**

E a terceira proposta é descobrir o campo de significado da sustentabilidade, que a seu ver não está nem no endeuamento da natureza nem no utilitarismo, que coloca o meio ambiente a serviço do homem e sob sua dominação (*Clóvis de Barros Filho*, em *Entrevista à pág. 10*, afirma que a sustentabilidade tem se alinhado à ideia utilitarista).

Para filósofos gregos como Platão e Aristóteles, a natureza (*physis*) referia-se a algo concreto (plantas, animais), mas dependia de algo sobrenatural (*meta-physis*) e essencial, relacionado a ideias e princípios cosmológicos, diz Amós Nascimento, professor de Filosofia Ética e Estética Ambiental na Universidade de Washington, em Seattle.

Mas, no processo de revolução científica, entre os séculos XV e XVIII, os termos natureza e filosofia natural ganharam novo sentido, mais empírico, levando às Ciências Naturais. Isaac Newton considerava-se filósofo natural, assim como Galileu Galilei e René Descartes.

As formas da natureza

Traços orgânicos e arredondados em detrimento dos retos e angulosos? Quais as formas preferidas da natureza e como o seu funcionamento se reflete nas formas? Para James Griffith, professor do Departamento de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, é preciso ir além da geometria euclidiana – aquela que estuda planos e objetos baseados em três dimensões. A natureza e o conceito de sustentabilidade são multidimensionais – seja na forma, seja no conteúdo.

Para Griffith, a vivacidade de uma paisagem, por exemplo, tem explicações na Teoria da Complexidade, ou do Caos, em que o aleatório e o imprevisível suplantam a ideia newtoniana linear de causa e efeito. Assim, as formas na natureza são compostas de fractais – por definição, objetos geométricos divisíveis em partes, cada uma das quais semelhante ao objeto original. A Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fractal>) mostra animações de fractais que modelam, por exemplo, um floco de gelo e uma montanha.

"Fico admirado ao ver as imagens de satélite do Quadrilátero Ferrífero mineiro, uma região de grande valor paisagístico, por causa dos complexos de múltiplos fractais sobrepostos", diz ele. As formações geológicas, aliadas pela força da gravidade, orientam rios e córregos praticamente no mesmo padrão. As matas ciliares, influenciadas pelas fontes de água, acabam repetindo esse padrão.

A obra do artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher é mais uma representação que Griffith usa em Filosofia Ambiental para mostrar que, além do sim-ou-não aristotélico, pode haver um terceiro elemento que emana dessa dialética, é o chamado terceiro incluído.

Em *Dia e Noite* (obra de 1938), por exemplo, não há a dicotomia "pássaros ou paisagens", não há fundo nem primeiro plano, mas sim uma terceira "solução", que se forma da relação entre pássaros e paisagem, em um plano multidimensional ([acesse em www.mcescher.com](http://www.mcescher.com), em *Picture Gallery*).



"Não adianta higienizar o ser humano. Faz parte dele uma incoerência"

Eles propuseram uma visão dualista na qual a natureza é separada da essência humana e vista como algo objetivante e objetivável por meio de experimentos.

Descartes radicalizou esse dualismo entre a “coisa pensante” e a “coisa pensada”, separando a alma e a mente do corpo e justificando, assim, a possibilidade de experimentos em seres humanos: após a morte, já sem alma, o cadáver podia ser dissecado – um processo necessário para o desenvolvimento da medicina.

Sob essa mesma premissa, explica Nascimento, dá-se todo o desenvolvimento científico nas ciências naturais, inclusive da Biologia e da Ecologia, o avanço tecnológico que caracteriza a modernidade, e daí os problemas por ela gerados – a superexploração de recursos naturais e dos recursos humanos, como escravidão, genocídio e experimentos biotecnológicos.

Para Nascimento, esse ideário influencia a concepção de natureza da

classe média no Brasil e justifica práticas cotidianas como a dedetização das casas, cobrir o quintal com cimento, controlar a temperatura com ar condicionado, consumir água engarrafada, valorizar o carro em vez de usar o transporte público etc. “Enfim, a filosofia moderna justifica essa visão. Somos todos modernos”, diz.

Entre a concepção metafísica e a utilitária, Luiz Felipe Pondé propõe a visão da natureza como ela é: linda, mas que te come vivo. É vida e morte, maternal e cruel, Gaia e Medeia. Nesse sentido, sua estética não pode somente remeter a árvores belas e a uma paisagem verdinha, ela é também **chocante**, ela é também deserto.

“Tá um elemento presente na tradição filosófica e religiosa ocidental que nunca vi ser explorado no bom sentido pelo movimento ambiental: a relação entre homem e deserto, que ensina como você é frágil e efêmero”, diz. Para ele, o

deserto só aparece com uma conotação ruim – desertificação, deserto verde etc. Mas é um dos elementos mais carregados de sentido cósmico, seja para pagão, judeu, cristão, seja para muçulmano, por ser um lugar onde se vê a verdade: aquela em que você morre e o deserto continua.

Sertão e Floresta Negra

Se o sertão está em toda parte, como diz o personagem Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, ele está na gente mesmo. Mais próximo do que se imagina. Não é objeto, como pensariam Descartes e Galileu, mas sujeito, sob uma perspectiva que muda tudo.

Amós Nascimento tem uma intuição a respeito do tema. Não é algo que ele possa comprovar antes de se lançar em uma pesquisa a fundo, mas vale a suposição. Segundo ele, muita gente no Brasil estuda o filósofo Martin Heidegger, considerado um dos maiores pensadores do século XX, mas não percebe a genialidade com a qual ele conecta questões ambientais e dados ou expressões do cotidiano para realçar sua dimensão filosófica.

Há livros e livros sobre o significado da expressão filosófica

A estética do feio e do horrível também é uma poderosa forma de mobilização e engajamento e de apresentar uma ideia diferente, contra a corrente. O movimento *punk*, por exemplo, utiliza-se disso. O próprio jornalismo busca imagens fortes e chocantes para chamar a atenção e convidar a sociedade a reagir contra algo que não vai bem.



Dasein – muitas vezes traduzida como existência, presença –, quando, para Nascimento, a tradução mais simples é “tá li”, desse jeito caipira mesmo:

– Também se fala de *Lichtung*, mas sem conectar a expressão à simples ideia de “clareira” na Floresta Negra (*região da Alemanha onde Heidegger nasceu e viveu*). Heidegger também usa a expressão *Holzwege*, mas, que eu saiba, somente um filósofo austríaco exilado no Brasil, Vilém Flusser, conectou esse termo a outra palavra do campo: “veredas”. Ou, se quiserem, caminho da roça! Isso nos leva a Guimarães Rosa. Não posso ler o Rosa sem pensar como ele realiza esse processo de modo similar a Heidegger. Pega expressões simples do cotidiano, empregadas por jagunços analfabetos e mostra o seu profundo sentido filosófico. Logo de início: “Nonada!” O que é isso? Um erro de português na fala jagunça, escrito no começo de *Grande Sertão: Veredas*, e sobre cujo significado livros e mais livros têm sido escritos, conectando o seu sentido à ideia de niilismo, a Friedrich Nietzsche e aos gregos.

Portanto, para Nascimento, Rosa faz com o português o que Heidegger fez com o alemão, casando filosofia com natureza e, mais que isso, mostrando como esta é parte incrustada do pensar, sentir e agir humano. Há várias evidências e coincidências entre os autores: Rosa nasceu em Cordisburgo (MG), cidade de influência alemã, aprendeu o alemão ainda criança, registrou essa fascinação

por escrito. Viveu na Alemanha como cônsul brasileiro justamente no período em que Heidegger era o filósofo-mor da germanidade, e confessou em entrevistas as conexões de seu pensamento com a história e a filosofia alemãs. “Mas isso é uma conjectura, e poderíamos parar por aqui”, diz.

Guimarães Rosa era tão cioso dos significados estéticos que grafava *dans*, assim, com “s”. Pois o “s” expressa um movimento solto e sinuoso, enquanto o cedilha do “ç” engancha-se na pauta da página. Quem cita essa observação é Stella Pessoa, escritora e educadora ambiental que escolheu para seu mestrado no Núcleo de Altos Estudos da Amazônia, da Universidade Federal do Pará (UFPA), um tema que foge dos trabalhos ligados a Biologia e Sociologia lá apresentados.

Stella enveredou pelo viés cultural para entender as questões amazônicas, buscando na estética da arte a compreensão dos dilemas éticos que envolvem o lugar. Isso nos transporta de novo a Belo Monte e a tantos outros projetos pensados de fora para dentro daquela região. “Será que a Amazônia tem sempre de se prestar a resolver problemas externos a ela?”, questiona.

Seu projeto de **mestrado**, intitulado *Interpretação da Amazônia e de Suas*

Culturas – Um olhar atrás da escrita, debruça-se sobre a obra do filósofo, crítico literário, escritor e professor emérito da UFPA Benedito Nunes, notabilizado no País e no exterior principalmente pelos estudos sobre Guimarães Rosa, Heidegger, Nietzsche e Clarice Lispector.

No entanto, Nunes também fez vários trabalhos a respeito da história e das culturas da Amazônia, especificamente do Pará e de Belém, aos quais se acrescentam análises sobre intelectuais e ficcionistas de lá. Dessa forma, explica Stella, estudar Nunes como intelectual da Amazônia significa interpretar a região não só como natureza – sinônimo de meio físico e alvo de preocupações do mundo todo –, mas também considerando o olhar profundo para os indivíduos, a sociedade e a cultura. “A premissa básica é que todos esses elementos merecem destaque na elaboração de programas de desenvolvimento da Amazônia com sustentabilidade”, diz.

Até porque os grandes projetos e interesses envolvendo a exploração amazônica podem vir de fora da região, mas, se existe algo capaz de resistir a possíveis danos que eles causam, é a verdade manifestada na estética de uma Amazônia única, singular, tão local e interior como a que salta do fundo do peito direito para a lâmina reluzente de um facão. **zzz**

Orientado por Edna Castro, doutora em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, e aluna de Benedito Nunes nos anos 1970



Em www.fgv/ces/pagina22, leia mais sobre Filosofia Ambiental na entrevista com o professor da Universidade Federal de Viçosa (MG), James Griffith, e em notas escritas por Amós Nascimento, da Universidade de Washington

Um rio além de seus megawatts

Havia expectativa de que o governo daria atenção especial às populações locais em todo o processo. Foi exatamente **aí que o projeto de Belo Monte mais falhou**

Mais do que um problema ambiental, a polêmica em torno da construção da UHE Belo Monte, em Altamira, Pará, envolve um dilema ético. A decisão de realizar a obra, apesar das dúvidas recorrentes sobre sua viabilidade técnica, econômica e ambiental, expõe se não a irresponsabilidade governamental, ao menos a arrogância de usar o poder constituído para mudar regras de financiamento e subsídios de modo a garantir a realização da obra a qualquer custo.

Fazer escolhas e investir no desenvolvimento é um papel inerente à autoridade do poder público. O que ocorre neste caso é que não estão claras as vantagens e as desvantagens do projeto. A própria perspectiva de que tipo de desenvolvimento Belo Monte vai fomentar está fora do debate. E, no esforço de viabilizar a obra de toda maneira, o governo só aumenta seu custo social.

É reconhecido pelo Estudo de Impacto Ambiental que haverá riscos para as populações que vivem na Volta Grande do Xingu. Não há quem possa dimensioná-los, mas há consenso sobre a existência deles. O que o governo parece não querer enfrentar é a discussão sobre a relação entre estes riscos e os benefícios da obra. Ambos são relativos e são essas diferentes visões que têm de ser compatibilizadas.

Para abrir mão de coisas que lhes são fundamentais, como sua moradia e seu modo de vida, é preciso que as pessoas estejam convencidas de que serão recompensadas de alguma forma. Isso vale para os índios, que poderão ter a qualidade da água de que dependem afetada. Vale para os agricultores familiares e ribeirinhos, que terão de deixar suas terras para viver em outro lugar. Vale para os governantes locais e para a população das cidades da região, em especial Altamira, que terá de dividir sua já carente infraestrutura com milhares de migrantes.

Essas pessoas precisam ter a garantia de que haverá outros ganhos, que não podem

estar refletidos apenas no PIB. Também não é suficiente mencionar os ganhos para a produção e a exportação, pois na maior parte das vezes não resultam em benefício social.

Para que a sociedade considere justas as eventuais perdas que esses grupos vão sofrer, é preciso ter certeza de que os possíveis danos ambientais, sociais e até econômicos – tendo em vista que o modelo de financiamento da obra torna todos os contribuintes brasileiros sócios do empreendimento – valerão a pena.

A falta dessa certeza é que torna tudo tão confuso. **São as respostas evasivas, as dúvidas não respondidas, os números contraditórios que fazem com que a declaração do presidente Lula, de que Belo Monte será feita de qualquer jeito, pareça mais uma ameaça do que uma promessa.**

Até os prefeitos dos municípios da área de influência da hidrelétrica, reunidos em um consórcio, que sempre foram defensores do empreendimento, manifestaram-se recentemente contrariados com o fato de suas reivindicações para o plano de desenvolvimento regional do Xingu não terem sido levadas em conta.

Seria possível argumentar que a perspectiva de interesse público embutida na obra supera em termos de volume e densidade de beneficiários aqueles que serão negativamente afetados, o que justificaria a

opção do poder público. Mas, como no caso da mulher de César, além de ser, tem de parecer. É preciso que tais benefícios estejam indiscutivelmente evidentes e superem os riscos e as possíveis perdas.

Quando a Câmara dos Deputados aprovou o projeto de decreto legislativo que autorizou o aproveitamento hidrelétrico do Rio Xingu, em 2005, parlamentares atuantes na região justificaram a iniciativa afirmando que, uma vez que o governo do Partido dos Trabalhadores faria a obra, não havia motivo para preocupação, pois isso significava que o processo seria feito de tal forma a garantir o menor impacto socioambiental.

Havia uma expectativa de que o governo teria uma atenção especial às populações locais de modo a contemplá-las em todo o processo. Foi exatamente aí que o projeto de Belo Monte mais falhou.

Precisamos de coragem e ousadia para superar esses dilemas. Mesmo com seus números superlativos, em tamanho e custo socioambiental, Belo Monte não será suficiente diante das expectativas de crescimento do País. E, se não vamos prescindir de mais energia, precisamos investir tanto em novas alternativas de geração quanto em novas formas de planejamento. Só assim estaremos de fato abraçando a causa da sustentabilidade em todas as suas dimensões. **zz**



Nós e o ninho

A trama da reprodução do cuco pode ser considerada cruel do ponto de vista ético, mas há **um quê de beleza na sua dança de evolução e adaptação** com o rouxinol

Não sei por onde andei todos esses anos, mas até recentemente eu não tinha a mínima ideia de como o cuco – um pássaro comum em todos os cantos do mundo – engendra sua reprodução e garante espaço sob o sol. Foi assistindo à TV, aquele velho aparelho no canto da sala, que aprendi por que os cucos são, literalmente, estranhos no ninho. A intrigante estratégia arquitetada por esse pássaro tão pouco especial me roubou a paz nos dias que se seguiram. Se, como dizia minha avó, a natureza é perfeita, deve haver algo de belo na trama do cuco. Mas onde? Como?

Senão, vamos aos fatos. A espécie mais comum de **cuco** habita o chamado Velho Mundo, basicamente a Europa, e é enaltecido em verso e prosa pois seu canto anuncia a chegada da primavera. Apesar do bom augúrio, o pássaro migra da longínqua África – onde passa os invernos – com uma missão que pode ser considerada perversa. O cuco nunca choca seus próprios ovos ou cuida de seus filhotes – em vez disso, dedica energia a colocar quantos ovos for possível em ninhos de pássaros menores, em particular uma espécie de rouxinol e, então, asas pra que te quero. Uma série de artimanhas garante que o rouxinol não apenas choque o ovo alheio, como alimente o filhote até que ele também possa bater asas.

O cuco bota, em cada ninho, um ovo idêntico ao do rouxinol e, para evitar que os donos dos ninhos reconheçam que é falso, jogam um dos ovos originais para fora. Dos filhotes do rouxinol, um já era. O casal de rouxinol, sem perceber a intrusão, põe-se a chocar os ovos. O filhote do cuco nasce antes do que os do rouxinol e, recém-saído da casca, cego e pelado, joga os demais ovos para fora do ninho. Tem mais. O danado imita o canto do filhote de rouxinol para assegurar que os pais adotivos, a despeito de sua aparência dessemelhante e seu tamanho

desmesurado, continuem a alimentá-lo. Parece que só tem para o cuco, mesmo. Ele é capaz de cantar muito mais rapidamente do que o filhote do rouxinol, dando a impressão de que há mais de uma boca a alimentar. E assim o pequeno cuco recebe comida suficiente para ultrapassar em tamanho o de seus pais adotivos – chega a ser dez vezes maior. Quando finalmente se vai, o saldo para os rouxinóis é desolador: nenhum filhote e uma temporada de reprodução desperdiçada.

Boquiaberta ao fim do documentário sobre os hábitos reprodutivos do cuco, logo me pus a pesquisar. Como pode ser que o rouxinol não reaja? E o que levou

Ao todo são 141 na família Cuculidae



o cuco a desenvolver tão peculiar forma de reprodução? Descritos inicialmente pelo naturalista inglês Edward Jenner no final do século XVIII, os truques do cuco foram atribuídos à migração que a espécie realiza até a África. Segundo conta Nicholas Davies, pesquisador da Universidade de Cambridge e especialista em parasitismo de ninhada, a ideia de Jenner era que a longa viagem roubaria do cuco o tempo para construir ninho, chocar ovos e alimentar filhotes. Naturalistas da mesma época buscaram outros possíveis motivos para tão chocante parasitismo, mas a chave veio com Charles Darwin e *A Origem das Espécies*. É a evolução, estúpido.

As características que tornam mais provável que um organismo sobreviva e se reproduza são selecionadas naturalmente e se tornam mais comuns naquela determinada população ao longo do tempo. Darwin apontou a vantagem que o parasitismo de ninhada traz ao cuco: sem os deveres de construir ninho, chocar e alimentar filhotes, ele é capaz de colocar mais ovos, aumentando suas chances de sucesso na reprodução. Para Darwin, a questão era: por que não há mais espécies que exploram aquelas que vivem honestamente de seus próprios ninhos?

Davies e outros pesquisadores mostraram mais recentemente que, no caso do cuco e do rouxinol, assim como outros parasitas de ninhada, trata-se de coevolução – um processo recíproco de mudança evolucionária entre duas espécies. À medida que o rouxinol desenvolve defesas contra o parasita, o cuco adapta-se a elas. Nessa dança de evolução e adaptação, os melhores parasitas são aqueles capazes de manter seus hospedeiros vivos. Afinal, o que seria do cuco sem o rouxinol? Talvez aí esteja a beleza da coisa.

Culturalmente, o homem absorveu o comportamento do cuco. Seus truques foram mencionados em várias peças de Shakespeare e inspiraram o título do filme *Um Estranho no Ninho*. Em várias línguas, deriva de cuco a palavra para o marido traído que cria filhos de outrem. Ética e moralmente, o comportamento desse pássaro tão comum pode causar espanto pela crueldade. Mas o cuco está apenas sendo cuco. Assim como o homem pode apenas ser homem. **zz**

“A arte não é a verdade. A arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade.” PABLO PICASSO

O que te toca

Para além de categorias, preceitos e julgamentos, **o que emana da arte é a necessidade de transcender**

POR Ana Cristina d'Angelo # ARTE Dora Dias (INSPIRADA NA ARTISTA PLÁSTICA LEDA CATUNDA)

O que nos captura e nos toma antes da ação? Que impulso é esse que nos envolve, modifica, intriga, aguça para o movimento? Pensamos que ele pode vir de várias vertentes, mas nenhum é mais potente que a arte – talvez só mesmo a natureza. Uma criação humana com valores estéticos que vão da harmonia à dissonância, do belo ao feio, do equilíbrio ao seu contrário, sem aceitação, com urgência, surpresa, paixão. PÁGINA22 foi atrás do que move o gosto pela arte hoje, o que está por trás dele e como ele se forma. Por que uma canção é brega e outra, *cult*? O que distingue o popular do erudito? Nas diferentes manifestações da arte, surgem questionamentos sobre as categorizações, conceitos e preconceitos, mas, sobretudo, uma ideia de sismo e catarse através dos tempos.

Nessa tarefa em busca do que sensibiliza as pessoas, o músico e pesquisador Arrigo Barnabé já está há alguns anos. Arrigo tem um programa na Rádio Cultura, de nome *Supertônica*, em que propõe deixar que a gente ouça músicas as mais diferentes e estranhas (www.radioculturabrasil.com.br/am/programa/supertonica). Ele vai às ruas levando alguma interferência auditiva e chama as pessoas para ouvir e opinar. Alguns levam mais ou menos tempo.

A “audição” menos apreciada, conta o músico e compositor, foi *A Grande Fuga*, de Beethoven, um quarteto de cordas sem espaço para distração, uma música áspera e irritante para os primeiros ouvintes, mas considerada perene e universal. Arrigo achou esse dia curioso e foi anotando observações colhidas nas ruas de São Paulo. Uma música fora dos códigos conhecidos tocada para os ambulantes do entorno do Teatro Municipal, no Centro da cidade.

Ah! Mas os ambulantes não tinham repertório ou convívio com a música clássica para desfrutar de Beethoven? Não. Houve várias outras tentativas de aproximação entre esses universos aparentemente díspares que geraram enorme satisfação, revela Arrigo Barnabé. “É uma admiração, uma afeição por aquilo, um simples gostar. Na hora em que você percebe que existe outro horizonte estético, sua alma aumenta.”

Fugitivos

Quem sabe a recusa por *A Grande Fuga* seja um sintoma da época de rapidez e fragmentação em que vivemos? – palpite –, e Arrigo concorda. Mas ele vai além. “O fato de você se permitir ouvir, entrar realmente em contato implica uma mudança ética, porque você descobre como aquilo é significativo, faz sentido, é importante”, diz o músico.

Então será que os julgamentos estéticos expressam valores

éticos? É isso que está por trás do gosto/não gosto? O jornalista Pedro Alexandre Sanches arriscou-se a dizer que “atrás das cortinas do ‘bom gosto’ e do ‘mau gosto’ esconde-se um bichinho do qual em geral preferimos fugir a 120, 150, 200 quilômetros por hora e que atende pelo nome de preconceito”, em reportagem publicada recentemente na *Revista da Cultura*. “Será que eu desprezo o axé porque é péssimo ou porque desejo me manter bem distante dos baianos periféricos, pobres e pretos que o inventaram? Você de testa os emos porque fazem rock muito pauleira ou porque não se dá bem com seus figurinos esquisitões, soturnos, sexualmente indefinidos? É ficar entre uma coisa e outra, indubitavelmente? Ou a repulsa (extra) musical nasce de uma gororoba mista disso tudo?”, levanta a poeira o jornalista.

O crítico e curador do **Instituto Cultural Inhotim**, Rodrigo Moura, responde que o próprio questionamento do bom e do mau gosto é também papel da arte:

“Existe uma hierarquização do gosto e do valor que se atribui a uma coisa e outra. Esse questionamento da fronteira entre o popular e o erudito acontece por várias vias”. E pouco se explica. Um exemplo dado por Rodrigo é uma exposição em cartaz até final deste mês no Instituto Moreira Salles. O artista Artur Pereira, nascido nos anos 20 em Cachoeira do Brumado (distrito de Mariana, MG), era um mateiro que começou a fazer esculturas com 30 anos, não teve estudo formal nem contato com a história da arte ocidental. “O que se vê são todos os méritos, ele foi um gênio, suas obras se aproximam de (*Auguste*) Rodin”, avalia o crítico.

Estranho e confortável

Em outra vertente, artistas contemporâneos buscam o que seria de ‘mau gosto’ ou que passa despercebido no cotidiano e trazem para seus trabalhos e para o ambiente das galerias. Apropriando-se da estética popular, folclórica ou banal, os artistas embolam os sentidos e os valores das coisas. A artista Leda Catunda, por exemplo, apropria-se de tecidos e texturas da sua infância convivendo com tias portuguesas e leva para suas “pinturas moles”, de superfície estufada e volumosa, uma busca da sensação tátil que tinha das roupas cheias de babados

“Na hora em que você percebe que existe outro horizonte estético, sua alma aumenta”, diz Arrigo Barnabé

E se o gosto popular mediar? Assim surgem fenômenos que surpreendem a indústria cultural e o bom gosto vigente

cafonas das tias. “Para mim, o senso estético está coordenado por uma ideia de conforto”, disse a artista em entrevista no programa *Supertônica*, de Arrigo Barnabé. E acrescenta que o “gosto” e o estético são uma necessidade legítima de qualquer humano. “Ninguém é só trabalho e consumo, você está existindo e fazendo coisas.

Rodrigo Moura, do Inhotim, cita o trabalho emblemático do artista plástico Cao Guimarães, *Gambiarras*, que já esteve na seção *Retrato* (pagina22.com.br/index.php/2009/03/gambiarras-nossas-de-cada-dia). O artista resgata objetos, invenções populares do cotidiano e compõe uma série curiosa e divertida de fotografias para lembrar que as gambiarras acontecem diariamente ao nosso redor, e desaparecem instantaneamente também. “São objetos sem valor, improvisos fadados ao esquecimento que são colocados no campo da arte, como a condensação da cultura”, explica Moura sobre a apropriação do popular nas artes plásticas.

O esquisito é matéria-prima de Arrigo Barnabé, por exemplo. “Eu parto da dissonância, a música do século XX é influenciada pela dissonância e ritmos complexos. A questão da ‘feitura’ me atrai muito, porque gera um conflito e é esse conflito que vai transformar, provocar alguma coisa”, expõe.

Nas artes, acrescenta o curador do Inhotim, a chegada do século XX, com o choque dos valores éticos e estéticos, é bem representada por **Pablo Picasso**, que passa a olhar para a arte africana e inaugura o Cubismo. Os expressionistas alemães trazem elementos primitivos dos povos da Oceania, numa história de contaminação do Ocidente por outras culturas, avacalhando, no melhor sentido, a arte renascentista.

O aparentemente “feio” de Picasso quebrava o paradigma do compromisso de fidelidade com a aparência real das coisas, estabelecendo o dogma fundamental da arte moderna – a de que o trabalho do artista não é cópia nem ilustração do mundo real, mas um acréscimo novo e autônomo. Nessa cisão, a busca da transcendência não mais se atrelava a reproduções da natureza, formas perfeitas ou o corpo humano, mas a aguçar este ser humano com autonomia e liberdade.

De lá pra cá, muito se fez e se falou sobre a arte moderna,

Vanguarda surgida na Europa e nos EUA, no fim da década de 60, em que o conceito ou a atitude mental tem prioridade em relação à aparência da obra

a contemporaneidade, a **arte conceitual**. O aparato que envolve a arte nos dias de hoje também foi muito questionado por mais afastar do que aproximar o espectador do que realmente interessa, seja pelo circuito restrito de exibição, os altos valores cobrados, seja mesmo por um sentido de que tudo pode ser validado como arte. Rodrigo Moura concorda que a indústria da arte é cara e pode parecer hermética, mas acha enganoso encarar a arte como um “vale-tudo”. “Só quem está muito de fora acha isso, porque a arte é uma coisa legitimada, codificada, passa por mediações importantes, escolas de arte, críticos, curadores”, afirma. Mas e se o gosto popular mediar? Assim surgem o tecnobrega e outros fenômenos musicais espontâneos que surpreendem a indústria cultural estabelecida e o bom gosto vigente (*quadro abaixo*).

O invólucro de arte em muito contribui para o gosto/desgosto geral. Ficou famosa a iniciativa do *Washington Post*, que colocou um dos maiores violinistas do mundo, Joshua Bell, para tocar em uma estação do metrô da capital americana. Aplaudido nos teatros e cultuado pela mídia, o musicista foi praticamente ignorado pelos que passavam enquanto tocava peças musicais consagradas em seu violino Stradivarius de 1713, estimado em mais de US\$ 3 milhões. Alguns dias antes Bell havia tocado no Symphony Hall, de Boston, onde os melhores lugares custam cerca de mil dólares (*veja em www.youtube.com/watch?v=hnOPu0_YWhw*).

Outro caso ocorreu no Brasil, durante a Bienal de Arte de São Paulo, em 2002. O estudante Cleiton Campos resolveu colocar um quadro seu no meio da seção de arte eslovena da mostra. O quadro, que segundo o autor era feio e nunca foi seu orgulho, permaneceu durante três meses na Bienal e provavelmente foi admirado e apreciado pelo público. O estudante foi “descoberto” no final da mostra e disse que achou “legal” o debate sobre pirataria que sua ação provocou.

Faltou ética ou o “debate” é legítimo? A Bienal é palco constante de intervenções e protestos questionáveis. Na última edição, cerca de 40 jovens entraram no prédio como visitantes comuns e picharam paredes, pilares e corrimãos do segundo andar, até serem detidos pela polícia. O segundo andar estava vazio, marcando a crise por que passava a própria instituição. Invasão e depredação de patrimônio público ou expressão legítima diante da interrogação lançada pela Bienal?

Acima dessas histórias, por último, e não menos importante, uma poderosa e rica indústria cultural ainda influi muito na definição do que vai chegar até o público. A internet e as possibilidades de compartilhamento, *downloads*, *copylefts* reduziram parte desse poderio. Agora eu já posso gostar do que eu procuro na rede e não apenas do que me chega pela TV, o rádio ou do que o meu vizinho gosta. Menos mal. E posso me arriscar a produzir também – melhor ainda. **zzz**

O instituto é um complexo museológico localizado em Brumadinho, a 60 quilômetros da capital mineira, e possui um importante acervo de arte contemporânea e uma extensa coleção botânica

Um dos mais importantes artistas do século XX, nasceu em Málaga, Espanha, e começou a pintar desde muito jovem. Passou por várias fases e, ao longo da vida, empreendeu uma revolução na arte

A sacudida do tecnobrega

Um movimento musical surgido no Pará nos últimos anos surpreende pela originalidade da mistura de ritmos, pelo número de adeptos e pela estratégia de divulgação em paralelo às garras da indústria cultural. Lançou mão da música eletrônica americana que chegou por aqui na década de 90 e fez a fusão com o chamado “brega”, que tem origem em canções românticas junto com ritmos caribenhos e antigos ritmos regionais, como a guitarrada e o carimbó. Dessa salada, surgiu o grupo de artistas do tecnobrega, realizando festas com aparelhagens de DJs, produtores caseiros e cantores. As vendas dos CDs se concentram nos camelôs, com a aprovação dos artistas.

O jornalista Pedro Alexandre Sanches, em reportagem publicada na revista *Fórum*, analisa o movimento sob a ótica do Modernismo, em que a antropofagia tomava a cena artística.

“O tecnobrega é um borbulhante espetáculo de canibalismo musical. O refrão de *Thriller*, de Michael Jackson, vira “firmêê, firmêê”. *Single Ladies*, de Beyoncé, se transforma em *Não Me Segure e Tô Solteira*, entre outras versões e subversões. Triturado pela legião tecnobregueira, todo o pop americano ou americanizado ganha sotaque, cadência, molejo e tonalidade de pele paraenses”, escreve.

Arqueologia dos vivos

FOTOS Arnaldo Pappalardo # TEXTO Amália Safatle

Nas frestas do ambiente urbano em construção e desconstrução, o fotógrafo e arquiteto Arnaldo Pappalardo encontrou a brecha para intervir. Retratou em escala real e de forma lúdica o humano nas camadas de um tempo muito atual, completamente envolvido nos dramas de seu espaço. Mais próximo, impossível.

A provocação veio anos atrás por meio de uma das edições do projeto cultural Arte/Cidade – realizado em São Paulo desde 1994, com a proposta de destacar áreas críticas da metrópole em desarranjo e buscar novas dinâmicas, sob a contribuição de um olhar artístico.

Na edição de 1997, intitulada *A Cidade e suas Histórias*, o projeto lançou luz sobre uma estação de trem e os trilhos que alcançavam os silos do antigo Moinho Central e as ruínas das Indústrias Matarazzo. O que veio depois disso emerge nas novas camadas desse *habitat* moderno, tantas vezes inóspito, mas que nós mesmos formamos, como parte incrustada. Claro que esta é só uma interpretação; a arte permite todas. [\[22\]](#)









ALÉM DA IMAGINAÇÃO

A singularidade cultural aponta caminhos para o desenvolvimento. A "ecologia criativa" das cidades inclui de agentes econômicos à atmosfera das ruas

POR Carolina Derivi # FOTOS Adalberto Leister, Chico Gadelha, Jordan Ficher, Luz A. Villa

Era o caminho mais improvável para o sucesso. Em pleno País do Carnaval, escolheram o período da folia para um festival de jazz e blues. Não nos centros manjados do Sudeste, com infraestrutura adequada para atender às necessidades de um evento internacional, mas o estado do Ceará. E não a capital Fortaleza, mas 100 quilômetros interior adentro, na pequenina Guaramiranga, com cerca de 5 mil habitantes.

Havia algo de especial na cidadezinha que cativou a antropóloga Rachel Galhena, sócia-fundadora da produtora Via de Comunicação. Composto basicamente de uma única via pavimentada, o lugar tinha já dois teatros, herança dos tempos em que a oligarquia cearense do começo do século XX subia a serra no verão para aproveitar o “friozinho” de 15 a 20 graus, e matava o tempo fazendo saraus.

Cercada de remanescentes protegidos de Mata Atlântica, nem as tentativas de sobreviver da produção do café vingavam e Guaramiranga era uma cidade estagnada. Para Rachel, a memória cultural da cidade, combinada ao fato de que o Ceará não tinha mesmo vocação para o Carnaval, mas era berço de excelentes instrumentistas, compunha o chamado para uma virada extraordinária.

Em 11 edições, o festival selou encontros de músicos do gabarito de Stanley Jordan e Jean-Jacques Milteau com feras nacionais como Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal e Ivan Lins, além, é claro, dos talentos regionais. “No primeiro ano, ou hospedava o público ou os músicos. Não tinha leito suficiente. Também não tinha onde comer, só uma Kombi que vendia *hot dog*. Hoje tem restaurante italiano, alemão, gaúcho, várias pousadas. E agora a gente contrata cada vez mais mão de obra local”, comemora Rachel.

Em 2005, por exemplo, o festival gerou mais de R\$ 3 milhões de receita para o município, o equivalente a dez meses de arrecadação em impostos. Hoje, quase a metade da população trabalha não mais na prefeitura, mas na cadeia produtiva do turismo cultural e ecológico, que, por sua vez, gerou a revitalização urbana e o aprimoramento dos serviços públicos.

A ECONOMIA CRIATIVA DESAFIA A CONCEPÇÃO DE QUE O DESENVOLVIMENTO TERIA UMA SÓ FÓRMULA

Guaramiranga é mais uma experiência entre inúmeras localidades que encontraram na cultura um caminho insuspeitado para o desenvolvimento, especialmente em momentos de crise e estagnação econômica. No início dos anos 90, o projeto do Museu Guggenheim foi o centro da estratégia para superar uma profunda recessão industrial e portuária no País Basco que se estendida há mais de uma década. Na França dos anos 50, as Casas da Cultura tiveram um papel importante na recuperação das cidades arrasadas durante a Segunda Guerra.

São casos estudados por Ana Carla Fonseca Reis no livro *Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável* (Editora Manole, 2007). A autora descreve como os bens e serviços culturais têm potencial para gerar mais do que empregos e impostos, mas também valores intangíveis como bem-estar, coesão social e principalmente um ambiente propício para que as mais variadas ideias possam florescer.

Este último componente está na origem do conceito mais recente de economia criativa, campo de estudo no qual Ana Carla é pioneira no Brasil. Ela explica que, embora não haja unanimidade conceitual, a economia criativa abarca desde as indústrias do conhecimento geradoras de propriedade intelectual, passando pelas artes e pelo patrimônio histórico, até aquelas que se valem da cultura para desenvolver funcionalidade, como moda, *design*, propaganda, arquitetura – com desdobramentos sobre setores tradicionais, como a indústria têxtil e de construção.

“Para mim, o componente ético da economia criativa é reconhecer que há recursos não facilmente valoráveis e mensuráveis pelas metodologias tradicionais, mas que se mostram com enorme potencial para diferenciar bens e serviços e para promover o desenvolvimento em diferentes partes do mundo”, diz a especialista.

Singular e plural

Assim, Guaramiranga pode ser pobre do ponto de vista dos ativos econômicos tradicionais, mas riquíssima de atributos criativos que podem se traduzir em possibilidades reais de transformação. Entre outras coisas, uma cidade criativa é a que oferece ao mundo aquilo que tem de único, partindo de sua singularidade cultural, sem prejuízo das trocas de influências globais.

Esse ponto de partida é inseparável da crítica às definições

consagradas do desenvolvimento que, ao dividirem o mundo em dois blocos, supõem que haja apenas uma fórmula evolutiva. O estudo *Our Creative Diversity*, produzido pela Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento, da Unesco, dá o tom: “Em 1988, já era claro para nós que o desenvolvimento era uma empreitada muito mais complexa do que se pensara originalmente. Ele não poderia mais ser visto como um caminho único, uniforme, linear, porque isso eliminaria inevitavelmente a diversidade cultural e a experimentação. E limitaria perigosamente as capacidades criativas da humanidade, diante de um passado rico e de um futuro imprevisível.”

E, como a criatividade não pode gerar desenvolvimento por combustão espontânea, o primeiro e mais importante pré-requisito é a educação. Uma pessoa de alta escolaridade tem 36 vezes mais chances de se envolver em práticas culturais – como ir ao teatro ou simplesmente ler um livro ou uma revista –, portanto de expandir seu universo criativo e de propor soluções as mais variadas.

Uma pesquisa sobre práticas culturais realizada em São Paulo, em 2005, revelou que, na cidade brasileira onde a oferta



Jardim Botânico e Parque dos Pés Descalços [abaixo], em Medellín, onde monitores uniformizados ensinam a relaxar os pés



Em Medellín, na Colômbia, controle sobre o território inclui revitalização urbana e cultural

de bens e serviços culturais é mais abundante, 4 em cada 10 habitantes não haviam se envolvido em nenhuma experiência desse tipo no espaço de um ano. Entre os demais, apenas 59,3% tinham práticas culturais externas à sua residência.

Não basta, portanto, produzir e ofertar cultura. É preciso trabalhar a demanda e a distribuição. Há quatro anos, o Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc) mudou seu escritório central da Avenida Paulista – “moral e fisicamente no alto, próximo ao poder”, como diz o diretor Danilo Santos de Miranda – para o bairro do Belenzinho, na Zona Leste da cidade. Uma das estratégias para atrair a demanda foi uma ampla pesquisa sobre os personagens do bairro, o barbeiro, o padre, o dono da padaria, o sapateiro etc.

Os retratos dessas pessoas foram transformados numa exposição fotográfica, disposta nas janelas do edifício, do Sesc para fora. “É uma estratégia bem direta, nem um pouco sutil. Não há condições de nos fixarmos em nenhuma parte da cidade sem ter uma aproximação, uma política de ampliação do pertencimento dos locais com relação ao bairro. E pertencimento é a antessala da cidadania”, diz Miranda.

Para o diretor, os efeitos intangíveis de um projeto criativo, para além da economia formal e informal que se estabelece no entorno de um equipamento de cultura, só podem se realizar com uma ampla gama de agentes em sintonia. “Eu não acredito na ação

cultural substitutiva de outras estruturas. A questão é a cidade inteira propor ações. A escola no seu âmbito, a Igreja no seu âmbito, os políticos no seu âmbito, o Sesc no seu âmbito...”

É o que **John Howkins** chama de “ecologia criativa”, uma estrutura capaz de conectar os diferentes “ecossistemas socioculturais”. O empréstimo de termos biológicos denota a importância de ver a cidade como um sistema integrado e não como um conjunto de fragmentos, alguns mais beneficiados que outros. A outra parte da estratégia do Sesc é a conexão do local com o global da cidade. Em outras palavras, fazer as pessoas circularem entre as diferentes unidades espalhadas pelo território.

Se o critério fosse apenas a produção de conhecimento, diz Ana Carla, o maior exemplo de *cluster* criativo seria o Vale do Silício, na Califórnia (EUA). “*Clusters* criativos são locais nos quais as pessoas vivem, trabalham, se divertem; nos quais se produz, há circulação e se consomem produtos e serviços criativos. Há uma conciliação não só entre tangível e intangível, mas também entre razão e emoção. Não imagino outra forma de transformarmos o mundo para um modelo mais resolvido.”

Uma estrutura de tecnologia da informação e do conhecimento também é importante. Mas, nos quesitos produção e distribuição, a velha plataforma dos encontros é essencial.

Especialista em relações internacionais e urbanista, é diretor do British Screen Advisory Council e autor de vários livros, como *The Creative Economy* (2002) e *Creative Ecologies* (2010)

Hard e soft

Foi **Charles Landry** quem propôs a ideia de que o espaço público da cidade é como o *hardware* que roda o *software* da criatividade. “O ambiente construído é crucial. Ele proporciona as condições físicas ou a plataforma sobre a qual as atividades da cidade vão se desenvolver”, afirma no livro *Creative City Perspectives* [1].

TOME NOTA

1 Organizado por Ana Carla Fonseca Reis e Peter Kageyama, o livro reúne relatos de 18 autores sobre experiências em diversas cidades do mundo. Está disponível para download em: www.garimpodesolucoes.com.br

Richard Florida, autor de *The Rise of the Creative Class* (2002), foi um dos primeiros a argumentar que, para atrair as classes criativas, as cidades precisavam também de uma atmosfera criativa. Era preciso oferecer um clima de pessoas, tanto quanto um clima de negócios. É por isso que o turismo é como um sub-produto ou termômetro da cidade criativa, mas que pode sair pela culatra com o inchaço da infraestrutura e a escalada dos preços. Para Ana Carla, antes de atrair os que vêm de fora, as cidades precisam ser atraentes para seus próprios habitantes.

Foi o que fez Medellín, na Colômbia, para superar o estigma da cidade mais violenta do mundo nos anos 90. Se o objetivo era recompor o controle sobre o território, Medellín deu menos pelota às medidas repressivas de segurança e mais à apropriação de seus mais de 2 milhões de habitantes. Seguiu-se então uma revitalização urbana de peso – que incluiu teatros, praças, bibliotecas, parques, mirantes – somada a um fundo de educação de US\$ 75 milhões para complementar a renda de estudantes e descontos expansivos para quase toda a população nos equipamentos de cultura.

Em quatro anos, os índices de homicídio baixaram 81%, o que também possibilitou sediar eventos internacionais como a Assembleia-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), o Congresso Ibero-Americano de Cultura e, mais recentemente, os Jogos Sul-Americanos. Nos últimos dois anos, o índice de homicídios voltou a subir, em parte devido à retomada de fôlego dos grupos paramilitares em toda a Colômbia. Mas a face econômica e social de Medellín foi sensivelmente transformada.

Para Ronald Kapaz, sócio-diretor da empresa Oz Design, a falta de personalidade estética

O carnaval, em Paraty, é só mais uma festa no amplo calendário da cidade



Principal autoridade em economia criativa no mundo. Escreveu *The Art of City Making* e *The Creative City: a toolkit for Urban Innovators*

da capital paulista segue na contramão da cidadania e da criatividade. “São Paulo abandonou completamente a dimensão lúdica, o lugar que você vai caminhar, namorar, ver as pessoas. Por que você vai respeitar a cidade se ela não te respeita de volta?” Não fosse isso, São Paulo até poderia se tornar a capital nacional do *design*, diz Kapaz: “Onde há a maior complexidade de negócios e maior competitividade, é onde o *design* entra como ferramenta de valores, de diferenciar você dos seus concorrentes”.

O arquiteto Mauro Munhoz, autor de um projeto urbanístico para Paraty, acredita que a escalada tecnológica influenciou os espaços urbanos de maneira determinante. “É muito comum as pessoas gostarem de espaços que foram construídos há muito tempo, cidades históricas. Antigamente, as limitações técnicas, as dificuldades de transporte, obrigavam esse processo a estabelecer contato entre as transformações do espaço e as pessoas que o habitam. Hoje você pode fazer transformações radicais sem ter nenhum contato com as características físicas, o meio ecológico e cultural.”

E foi justamente na cidade histórica fluminense que Munhoz pôde concretizar a simbiose entre elementos identitários e urbanismo. Ao estudar o caso icônico de Barcelona, o arquiteto concluiu que um projeto sólido de revitalização urbana tinha um ciclo de vida de cerca de 20 anos. Temeu, então, que o seu projeto (fruto de tese de mestrado) perdesse o rumo ao longo das mudanças de governantes e de políticas públicas. Foi como resposta a esse desafio que surgiu a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), sintonizada à cultura de festas, típica do local.

Hoje, o evento de uma semana gera dividendos da ordem de R\$ 5 milhões, tornou-se o principal componente do calendário turístico e gerou efeitos disseminados, como a lei municipal que incluiu no currículo escolar uma hora por semana de leitura literária.

O sucesso fez de Paraty uma referência em turismo cultural no País e chamou a atenção do governo federal. O plano Mar de Cultura repassa recursos do Ministério de Turismo para que a cidade supere seus problemas urbanos, como enchentes e carências de saneamento, entendidos finalmente como obstáculos ao desenvolvimento.

“Olha que estratégia interessante. A gente conseguiu, transitando do urbanismo para a cultura, que a filosofia de um projeto iniciado lá nos anos 90 não fosse abandonada e se tornasse objeto de política pública federal”, considera Munhoz. Outras cidades podem descobrir seus caminhos, criativos e únicos. [2]

A incrível cidade que encolheu

No mundo em que tudo ganha dimensões exageradas, a diminuição de alguns núcleos urbanos parece um contrassenso

O que pensar de uma cidade com séculos de história e uma infraestrutura bem desenvolvida, mas que vê sua população minguar a ponto de bairros inteiros serem demolidos para dar lugar a propriedades rurais? Um lugar onde os cidadãos remanescentes têm medo de sair de casa porque podem deparar-se com atos de violência ou animais selvagens?

Meses atrás, visitei Cleveland, no estado de Ohio, que viveu seus dias de glória na virada do século XIX para o XX, quando era uma das capitais americanas da industrialização e do petróleo. Na época, a cidade florescia com as doações generosas de John D. Rockefeller, então o homem mais rico do mundo, que ao longo dos anos distribuiu US\$ 3 milhões da época para projetos locais. A cidade, que chegou a ter quase 1 milhão de habitantes nos anos 1950, tem hoje apenas 478 mil. Em minha visita, vi ruas e mais ruas semiabandonadas. Vi bulldozers derrubando conjuntos habitacionais para dar lugar a sítios urbanos.

A decadência de Cleveland iniciou-se há tempos. Muitos entendem que ela começou quando, no princípio do século passado, a prefeitura pressionou Rockefeller para que pagasse mais impostos e se recusou a autorizar o enterro da sua mulher no mausoléu da família. Em resposta, ele decidiu transferir-se para Nova York, levando consigo a chave do cofre.

Mais tarde, nos anos 50 e 60, a cidade sofreu com a desindustrialização dos

Estados Unidos e também com o chamado *white flight*. Por fim, a recente crise global financeira ajudou a afundar a economia local.

O que se vê em Cleveland não é um fenômeno isolado. Em várias partes do planeta, centros urbanos que tiveram dias melhores estão sendo abandonados, devido à queda de natalidade, à decadência dos setores que eram o esteio da sua economia e à depressão financeira.

É o caso de Detroit, no estado de Michigan, que já foi a capital mundial da indústria automobilística americana e chegou a ter quase 2 milhões de habitantes nos anos 50. Hoje, como Cleveland, está reduzida a menos da metade. Em alguns bairros, é possível encontrar uma única casa ocupada por quarteirão. A cidade abriga algo em torno de 33.500 casas desocupadas e 91 mil lotes residenciais abandonados.

Dadas as circunstâncias, a prefeitura tem planos de derrubar quase um quarto da sua área construída para dar lugar a zonas rurais. Parte da população será obrigada a se mudar para os bairros que serão mantidos em pé. “O que era impensável está se tornando possível”, disse James W. Hughes, reitor da Escola de Planejamento e Políticas Públicas da Rutgers University, em declaração recente à Associated Press. “Começa-se a perceber que as glórias do passado não vão voltar nunca mais. Algumas pessoas podem não aceitar isso, mas é a realidade.”

O projeto deverá custar algumas centenas de milhões de dólares, vindos dos cofres federais, para a compra de imóveis, a demolição e a transferência dos moradores – já que a cidade está quebrada. Flint, outra cidade importante do estado de Michigan, está estudando uma estratégia bastante semelhante.

Cidades da antiga Alemanha Oriental têm enfrentado o mesmo quadro de decadência. Em alguns casos, a densidade demográfica está ficando tão rarefeita pela emigração dos jovens, sobretudo as mulheres, que as ruas estão sendo tomadas por lobos e neonazistas. Uma comissão especial do governo alemão concluiu que, em 2000, pelo menos 1 milhão de casas da Alemanha

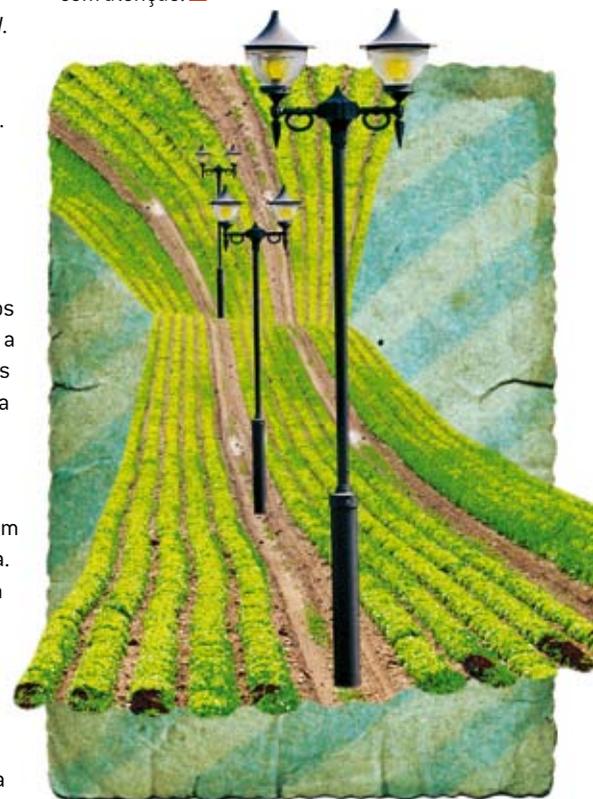
Oriental tinham sido abandonadas – algo como 14% do total dos domicílios na região.

O encolhimento das cidades é um problema sério por várias razões. O primeiro é que a redução da população e do volume de dinheiro em circulação derruba a arrecadação de impostos. É menos dinheiro para manter uma estrutura que, mesmo sem ter a mesma demanda, precisa ser conservada para os gatos pingados que ficaram. Além disso, ruas desertas comprometem a segurança.

A Academia já despertou para o tema. Um grupo de cientistas sob a coordenação do Institute of Urban and Regional Development, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, vem estudando o fenômeno há seis anos. Um dos seus coordenadores é o urbanista brasileiro Sérgio Moraes, da Universidade do Vale do Itajaí.

Num mundo em que tudo, inclusive a população mundial, ganha dimensões exageradas, o encolhimento de algumas cidades parece um contrassenso. Mas é uma tendência forte e tem que ser acompanhada com atenção. [3]

A debandada dos brancos que, vendo a população negra crescer, decidiram transferir as suas famílias para cidades vizinhas



O fator PMDB

Nenhuma novidade partidária escapará dessa máquina, se chegar ao poder. A menos que tenha como propósito central a modernização do Estado e a reforma política

No princípio era o MDB, o grande guarda-chuva político, ainda que precário, sob o qual se abrigavam, formal ou informalmente, todas as tendências e ideologias que se opunham à ditadura militar. Isso foi no tempo em que o bipartidarismo imposto nem sequer permitia que um grupamento desses se chamasse partido. Até o P [de partido] foi cassado. De 1966 a 1979, eram a Arena (Aliança Renovadora Nacional), o partidão da ditadura, e o Movimento Democrático Brasileiro, o partidão de quem lutava contra a ditadura pelas vias institucionais de então ou tentava proteger quem se aventurava por outros caminhos e atraía a repressão do regime.

Depois vieram as eleições de 1974, com uma vitória sobre a Arena que assustou a linha dura militar e forçou ainda mais a tal da abertura lenta e gradual. A Arena deu à luz outros partidos, principalmente o PFL, atual DEM. E o MDB virou PMDB, de onde surgiu o PSDB.

As características próprias da negociação que encerrou o período militar no Brasil e seus desdobramentos acidentais – como a ascensão de Sarney à Presidência da República – ajudaram a consolidar uma espécie de política intersticial, na qual há zonas escorregadias onde se interpenetram todas as ideologias e se acomodam todos os interesses, sob a égide do presidencialismo de coalizão. Que, a pretexto da governabilidade de resultados, tem feito a política partidária

aparecer, aos olhos da população, como o poço de todos os pecados e de toda a corrupção. Se a crítica é principalmente moralista e movida a escândalos, não quer dizer que, no fundo, sua maior reivindicação não seja ética e legítima, ou seja, que o sistema, como um todo, recupere o seu compromisso fundamental com o interesse público.

O jogo gelatinoso em que se transformaram os acordos de governabilidade aprofunda-se, porém, na direção contrária do interesse público. Para usar uma expressão corrente, sabe-se como começa a busca de governabilidade, mas é melhor nem saber como termina. E, nesse contexto, o PMDB, do alto do cacife eleitoral que acumulou em todo o País desde a histórica vitória sobre a Arena em 1974, é o principal avalista do presidencialismo de coalizão.

Especializou-se em ser o fiel da balança, o partido do poder, seja quem estiver no poder. Tem virtudes, porque supostamente garante a sobrevivência de valores de centro e tende ao equilíbrio. E grandes pecados, pois continua sendo um guarda-chuva, mas para os diversos matizes de conservadorismo que puxam a política para trás, para a cultura do patrimonialismo e, indiretamente, da corrupção.

A tal ponto chegou a especialização do PMDB que nem causa mais espanto que o maior partido brasileiro, com a maior capilaridade em todo o território nacional, não

se anime a lançar o seu próprio candidato à Presidência da República. O último foi Orestes Quércia, em 1994. Parece ter pragmaticamente decidido que é melhor governar de fato do que estar no trono. Ter o presidente sob controle e garantir o controle da parte que lhe toca no aparato do Estado.

Mas é inútil buscar uma suposta culpa do PMDB. O modelo vigente criou esse nicho que por circunstâncias históricas foi ocupado por ele. É cabível responsabilizá-lo e a maioria dos partidos pela prática nefasta de fazer do Estado uma partilha como se ele fosse os despojos de uma caça abatida ou a pilhagem de uma guerra. O ponto central não é esse. É como romper com aquilo em que se transformou o presidencialismo de coalizão no País: uma máquina de gerar corrupção e mau uso de recursos públicos, em cima de acordos de governabilidade.

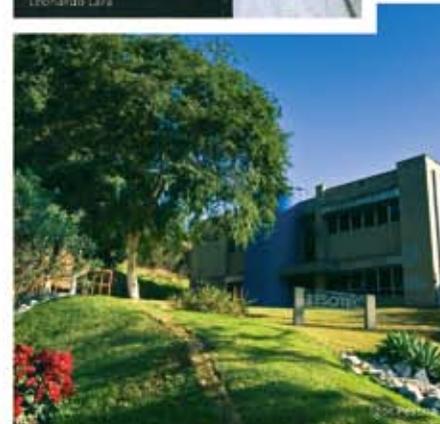
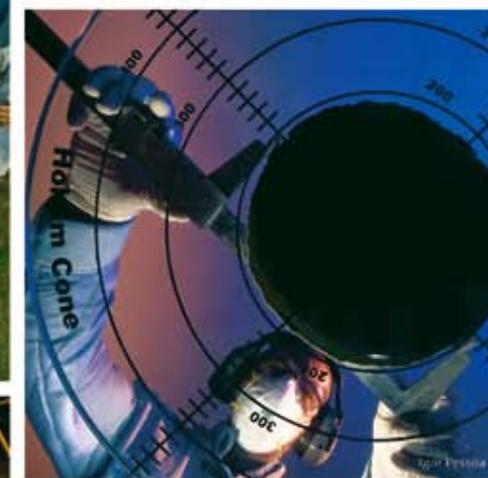
Nenhuma novidade partidária – como um dia foi o PT – deixará de ser engolida por essa máquina, se chegar ao poder. A menos que seu propósito central, sua obsessão, seja uma modernização institucional do Estado e uma reforma do sistema político que, até mesmo, vá contra seu próprio poder presidencialista. Uma super-reforma destinada a trazer, de fato, para o centro das decisões, a democracia participativa de que tanto se fala, em vão. Com tamanha força, convicção e apoio social que, quando essa reforma for votada no Congresso, o PMDB esteja lá votando a favor dela. Sim, porque os muito pragmáticos têm apetite, mas, na hora H, também têm juízo.

Pergunta:

Será que vai colar essa fissura digital que tomou conta dos candidatos? Será que não se está raciocinando muito em cima da realidade das eleições americanas? Nada contra, é positivo que se explorem as novas mídias, mas é preciso lembrar que apenas 27% das residências têm **acesso à internet**. Já à televisão, são 98%. E aí, as regras eleitorais impõem uma tremenda desigualdade, fazendo quem já tem poder ser mais poderoso ainda e mais propenso a explorar as pirotecnias marqueteiras. Mas, é claro, sempre se pode contar com o imponderável para furar o bloqueio. 

Segundo dados de 2009 da Pesquisa sobre Uso das Tecnologias de Informação no Brasil/TIC Domiciliar

Holcim. Liderando a construção de um mundo sustentável.

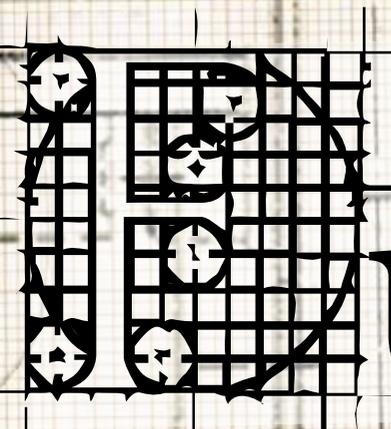
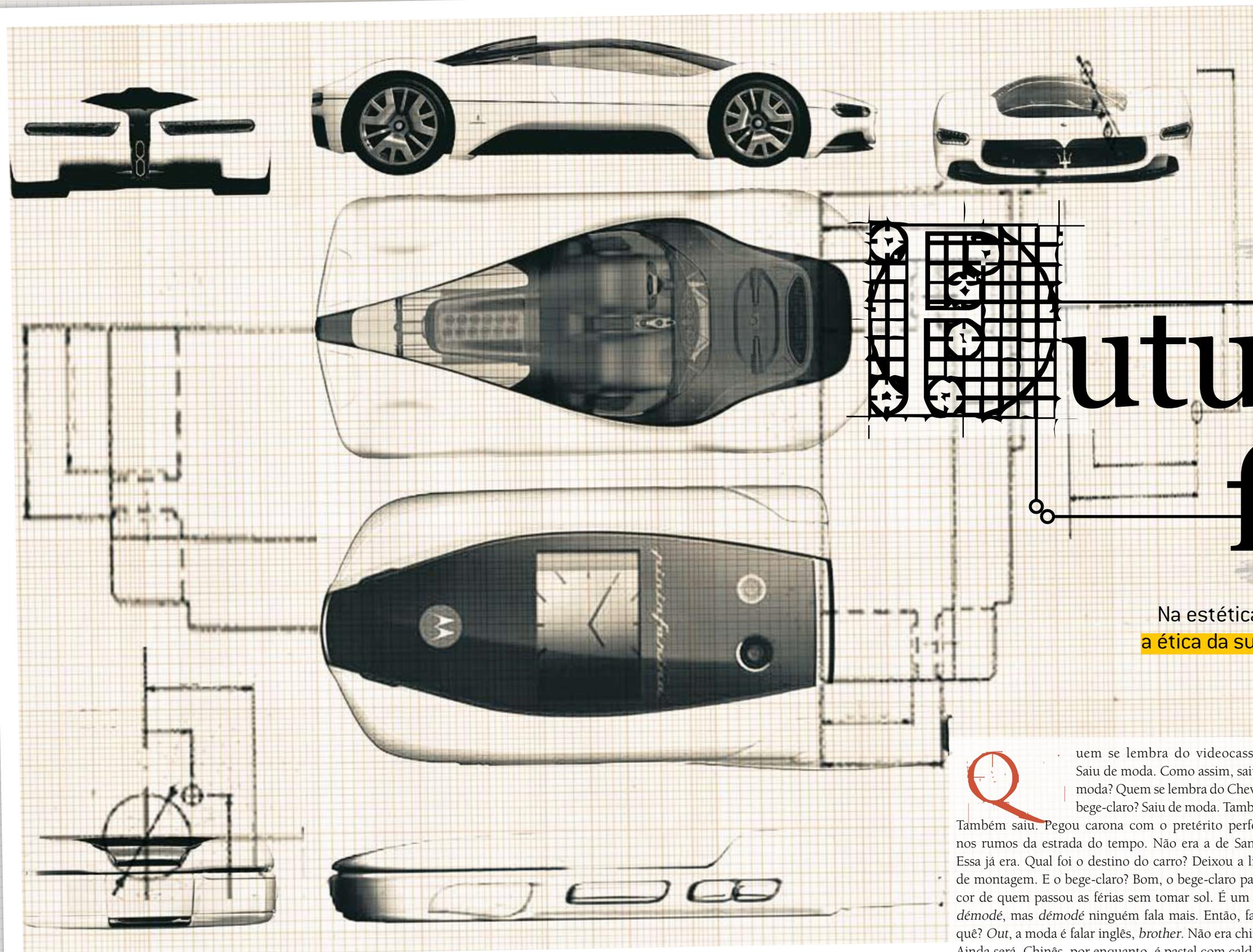


Geração de valor para clientes, colaboradores e sociedade, desempenho ambiental sustentável e responsabilidade social corporativa são os três pilares que sustentam todas as iniciativas da Holcim, reconhecidas no Brasil e em todo o mundo. Pilares que sustentam também nossos compromissos e reafirmam, em cada atividade, nossa paixão pela construção de um mundo realmente sustentável.

www.holcim.com.br

Líder mundial em cimento, concreto e agregados.





uturismo *versus* futuro

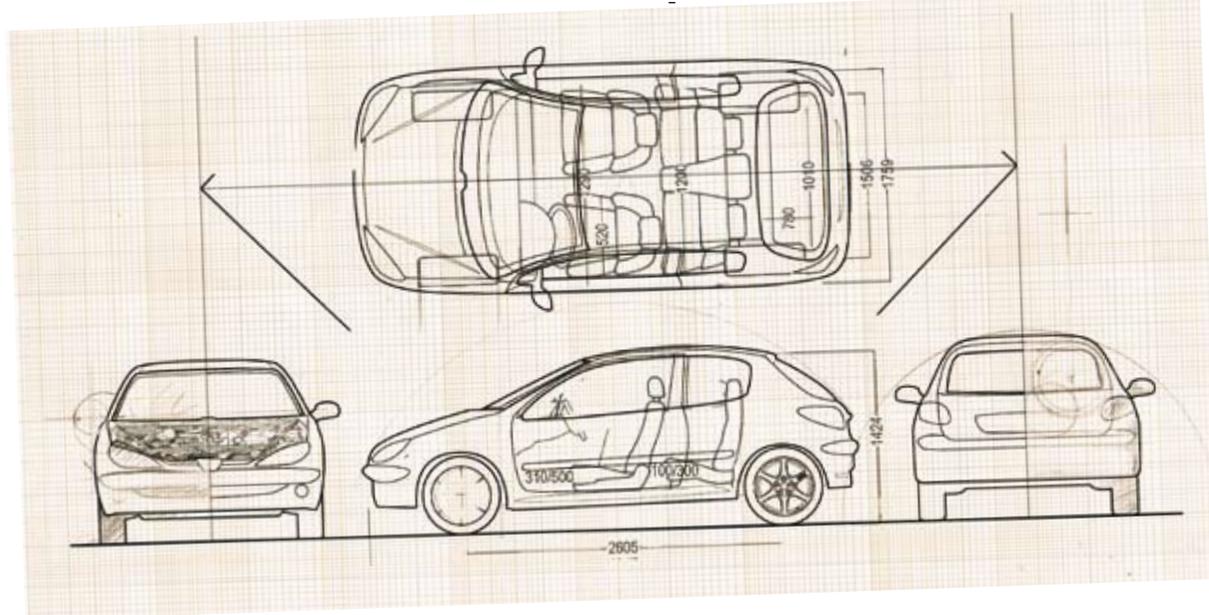
Na estética dominante do *high-tech*, estaria a ética da sustentabilidade ficando para trás?

POR Eduardo Shor # DESENHOS Ezio Lorenzetti

Quem se lembra do videocassete? Saiu de moda. Como assim, saiu de moda? Quem se lembra do Chevette bege-claro? Saiu de moda. Também? Também saiu. Pegou carona com o pretérito perfeito, nos rumos da estrada do tempo. Não era a de Santos? Essa já era. Qual foi o destino do carro? Deixou a linha de montagem. E o bege-claro? Bom, o bege-claro parece cor de quem passou as férias sem tomar sol. É um tom *démodé*, mas *démodé* ninguém fala mais. Então, fala o quê? *Out*, a moda é falar inglês, *brother*. Não era chinês? Ainda será. Chinês, por enquanto, é pastel com caldo de cana. E inglês? *Hamburguer* do McDonald's, *hot dog* na

padaria da esquina, Coca-Cola para matar a sede e um ótimo filme hollywoodiano.

Afinal, qual é a moda? Vê se *understand*. A moda hoje é você compra ou você vende. A empresa faz pequenos ajustes nos componentes eletrônicos de um produto, desenvolve a tecnologia em certa medida, transforma o *design* e, em três meses, o que era lançamento na prateleira das lojas se torna coleção na estante do museu. O ciclo de vida de determinados bens, principalmente os que envolvem avanços tecnológicos, reduz-se cada vez mais. Um fabricante de telefone celular que há uma década estreava dois modelos por ano, agora é capaz de levar ao mercado mais de 40, nos 12 meses. Haja recursos naturais para suportar.



Na análise de Lenivaldo Gomes, professor do Departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), a sociedade, em geral, sustenta-se no eixo produção, acúmulo e consumo. Um dos principais discursos que reforçam essa lógica e movem o desejo das pessoas, nesse caminho, é o *high-tech* – ou, tecnologia de ponta.

Estar conectado por um tempo longo, com aumento da diversidade de recursos disponíveis e velocidade mais alta, é sinônimo de sucesso. Quem estabelece maior quantidade de conexões está à frente do restante da humanidade. Mais amigos ou seguidores no Twitter, Facebook, Orkut. Há o telefone celular, e-mail 24 horas no BlackBerry, acesso à internet sem fio. As opções são muitas, e não bastam.

É preciso ir além. Ter em mãos as tecnologias de última geração, aparelhos avançados ou os equipamentos mais ágeis. Quanto mais desenvolvido o produto, mais valorizado (e, geralmente, caro) ele é. Desse modo, a tecnologia de ponta tornou-se um meio de distinção social. E o *design* busca reforçar o caráter *high-tech* do que chega às lojas, seja por cor, formato, seja por outros recursos.

Nesse contexto, itens como TVs, rádios, telefones celulares, veículos e até mesmo calçados ganham uma imagem futurista, adquirindo semelhanças entre si. Em 2008, a Motorola lançou, no Brasil, um telefone celular inspirado nas linhas aerodinâmicas do Maserati Birdcage 75th, luxuoso modelo de automóvel de uma empresa italiana. Na divulgação para a imprensa, a fabricante ressaltou que o aparelho “combina estilo com funcionalidade”. E que a novidade serviu para “agradar aos amantes da velocidade”.

Ainda será preciso tomar cuidado para não estacionar o celular no shopping, ou botar o carro no ouvido e sair falando por aí.

Tênis, celulares, automóveis e mouses. Tudo ficou muito parecido entre si

a memória. À medida que uma pessoa ascende socialmente, é grande a possibilidade de ela mudar também alguns conceitos, fazendo da estética (*no sentido estrito de beleza*) a função primária. A utilidade, embora ainda levada em consideração, cai para segundo plano”, diz o professor da PUC.

Sob essa ótica, o automóvel nada mais seria do que uma ferramenta que permite a seu condutor ou condutora chegar mais rápido ao destino desejado, em comparação aos métodos de percorrer o trajeto andando, de simples bicicleta ou de carroça. Mas entre um modelo 1.0 e uma BMW lá se vão quilômetros de distância, confirmando a cultura da ostentação na sociedade moderna.

O BMW é mais veloz, dotado de recursos tecnológicos com-

Preto ou prata

O indivíduo que aumenta sua capacidade de consumo e passa a ter condições de adquirir o primeiro computador, por exemplo, pode se contentar com o modelo básico. Conforme seus ganhos aumentam, é comum começar a avaliar novos quesitos, além da utilidade da máquina. Ele olha atributos que incrementam o preço e transmitem valores que não têm a ver, necessariamente, com o desempenho técnico. Liquidificadores constituem-se em exemplo. Entre um protótipo e outro, nada muito diferente de ser útil para cortar alimentos e transformá-los, em conjunto com água ou leite, em sucos, vitaminas e sopas.

Assim, o trabalho de desenhar uma novidade é diferencial. Aí entram em jogo cor, elegância, formas, material. A produção de eletrônicos da Apple é um dos maiores destaques nessa linha, prezando por formas delicadas, suaves e cores claras. Transmitem ao consumidor muito mais do que uma ideia de boa utilidade. “A função primária de um produto é a utilidade. Substituir a força humana, os braços, os olhos,

plexos. As próprias características físicas do produto contribuem para reforçar esses valores. “Consumir é comunicar, ainda que essa comunicação seja inconsciente ou não. E quem tem maior poder aquisitivo pode mais”, acrescenta Gomes.

Não é coincidência que, em uma capital como São Paulo, o predomínio das cores dos carros nas ruas seja dividido por preto, cinza, chumbo ou prata. Elas são escolhidas pelas montadoras com base na preferência do consumidor, indicada por meio de estatísticas. De acordo com André Marcolino, sócio da agência M2L e coordenador do curso de Design Transportation, do Instituto Europeu de Design de São Paulo (IED), a cor prata remete à ideia de tecnologia e inovação. O preto está relacionado a poder.

Na Europa, é mais comum encontrar veículos de outras cores, já que as cidades apresentam tons mais escuros do que os observados no Brasil. O próprio clima frio e o céu, nublado com maior frequência, influenciam as escolhas dos compradores. Isso significa que o discurso *high-tech* não é o único fator a contribuir para a evolução do desenho e das demais características dos produtos.

Se a indústria de telefones celulares recorreu ao *design* de automóveis para elaborar modelos lançados no mercado, a de veículos também procura interagir de maneira multidisciplinar. Estilistas famosos prestam consultoria às marcas. Além do desenvolvimento de tecidos para os assentos, há um uso cada vez mais popular do couro ecológico, que ajuda a diminuir o aquecimento dentro do carro.

Ainda segundo o coordenador do curso do IED, a preocupação do setor de automóveis e peças, na questão relacionada à redução de impactos ambientais, é forte. Uma delas é a substituição do plástico tradicional por fibras de bananeira no material que constitui apoios de braço das portas, botões e compartimentos, além de iniciativas mais impactantes na direção do uso de fontes de energia renováveis.

Quem tem mais pode mais

No discurso da sustentabilidade, o coletivo torna-se protagonista da história. O indivíduo escolhe os objetos de consumo tendo em mente que suas decisões alteram a ordem do que pode acontecer com o planeta e seus habitantes, e aí estamos falando de ética. A conscientização entra na agenda, mas o discurso não foge à lógica da distinção social. Há uma parcela da sociedade com maiores condições de manter práticas saudáveis do que outra.

As classes do topo da pirâmide têm acesso facilitado ao conhecimento sobre o cuidado com a saúde do corpo humano e do planeta. São elas que apresentam também mais oportunidades de se matricular em academias de ginástica, associar-se a clubes e consultar profissionais da área médica. O aspecto econômico favorece, inclusive, o consumo de itens da lista da sustentabili-

dade, como alimentos orgânicos, cultivados sem agrotóxicos.

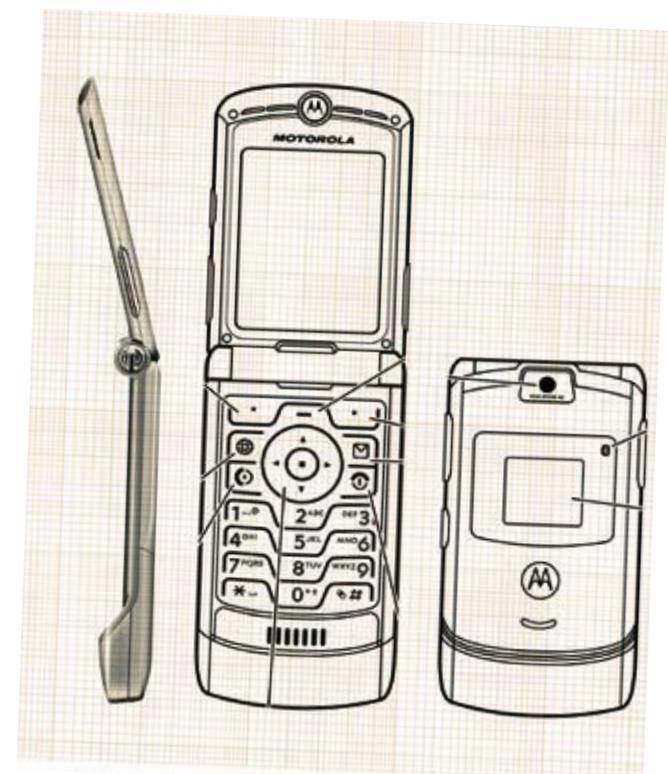
Em geral, no fim do mês, o cardápio orgânico tem peso maior no bolso de quem vai ao supermercado, comparado a produtos sem essa preocupação. Quem tem mais dinheiro acaba reunindo mais condições de se diferenciar dos demais, mantendo a tradicional linha da diferenciação pelo acúmulo de capitais. Uma forma de distinção entre as classes, por meio de atitudes e comportamentos.

O acesso a produtos mais sustentáveis repete a lógica da distinção social

Gomes, da PUC-Rio, analisa também traços em determinados produtos que demonstram certas características estéticas da sustentabilidade. “Existe um tipo que é o confronto direto com o *high-tech*. Destaca o material como opção do próprio *designer*, lembrando ter ocorrido ali o processo de reaproveitamento. Um exemplo são as cadeiras de papelão que não

escondem sua composição”, aponta.

Há também o confronto indireto, com valorização maior da forma do que do material. É o caso de quem adquire uma cadeira para o escritório. E, em vez de assento montado com garrafas PET, escolhe um móvel feito de madeira certificada, com o material meticulosamente trabalhado. Não fosse um selo indicativo, a linha sustentável do objeto passaria despercebida.



➤ Mangas removíveis, jeans no congelador. O tom é diversificar

Qual é o *design* dos produtos sustentáveis? Sobretudo, variado, na opinião de Cyntia Malaguti, da FAU-USP. “Não dá para ter uma linguagem única. Depende do público. Estamos em um momento de customização massiva, o contrário da padronização. A diversidade do uso de matérias-primas também é boa para a natureza. Melhor do que dispor de um material para fazer tudo.”

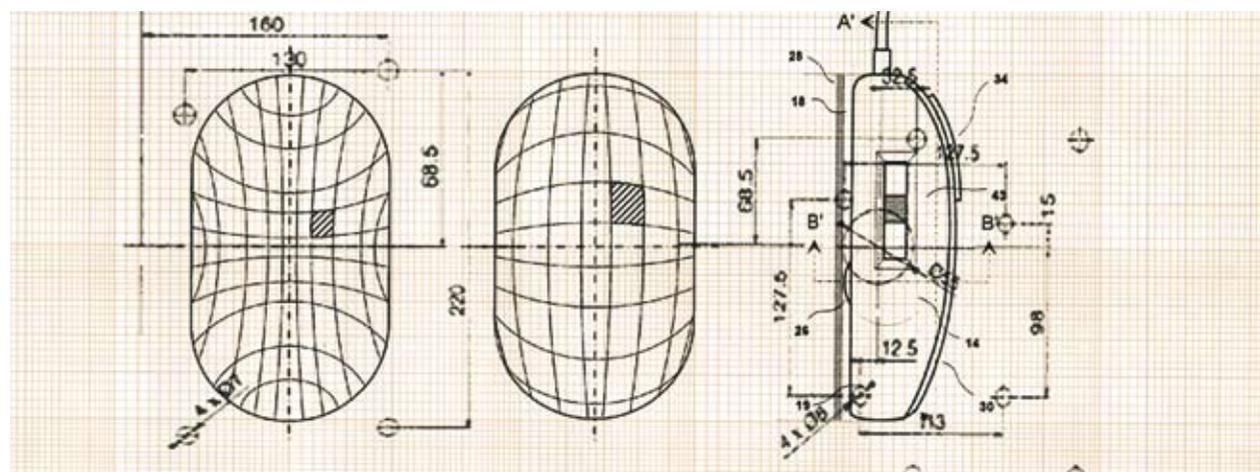
Antes da reciclagem, também é possível trabalhar com a ideia de reaproveitamento ou economia. O desenho de uma roupa que leva em consideração essas noções pode fazer das mangas longas de uma blusa peças removíveis. Assim, a vestimenta oferece condições de ser usada tanto em temperaturas amenas quanto no calor, eliminando a necessidade de comprar um modelo para cada estação.

No começo de 2009, Jandira Barone, diretora da confecção Tristar, lançou em vitrines brasileiras o Eco Jeans, produzido com

algodão plantado em áreas livres de agrotóxicos há, pelo menos, cinco anos. Com respeito à biodiversidade e a partir de uma ideia inusitada.

As peças comercializadas pela empresa podem ser usadas dos dois lados. Além disso, em vez de lavá-las, basta colocar as calças ou saias dentro de uma sacola plástica e levá-las ao congelador por 24 horas. A sacola evita que o cheiro de alimentos fique impregnado no tecido.

O processo elimina bactérias e odores do uso cotidiano, deixando a vestimenta pronta para ser usada de novo. “Uso minha calça toda semana, há nove meses, para trabalhar ou viajar. Nesse período, a lavagem jamais foi realizada de forma tradicional. Ela foi feita no congelador”, conta Jandira. Em exemplos como este, a tecnologia vira uma aliada.



O certo “elitismo” penaliza até mesmo as pequenas empresas. Cyntia Malaguti, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo (FAU/USP), explica que pode haver diferenças na forma com que uma empresa de grande ou pequeno porte se planeja para entrar na era da sustentabilidade. Segundo ela, que escreveu um manual técnico de requisitos ambientais para o desenvolvimento de produtos, empresas menores costumam ter menos capacidade de investimento em pesquisas para o desenvolvimento de materiais inéditos, que revolucionem seus setores.

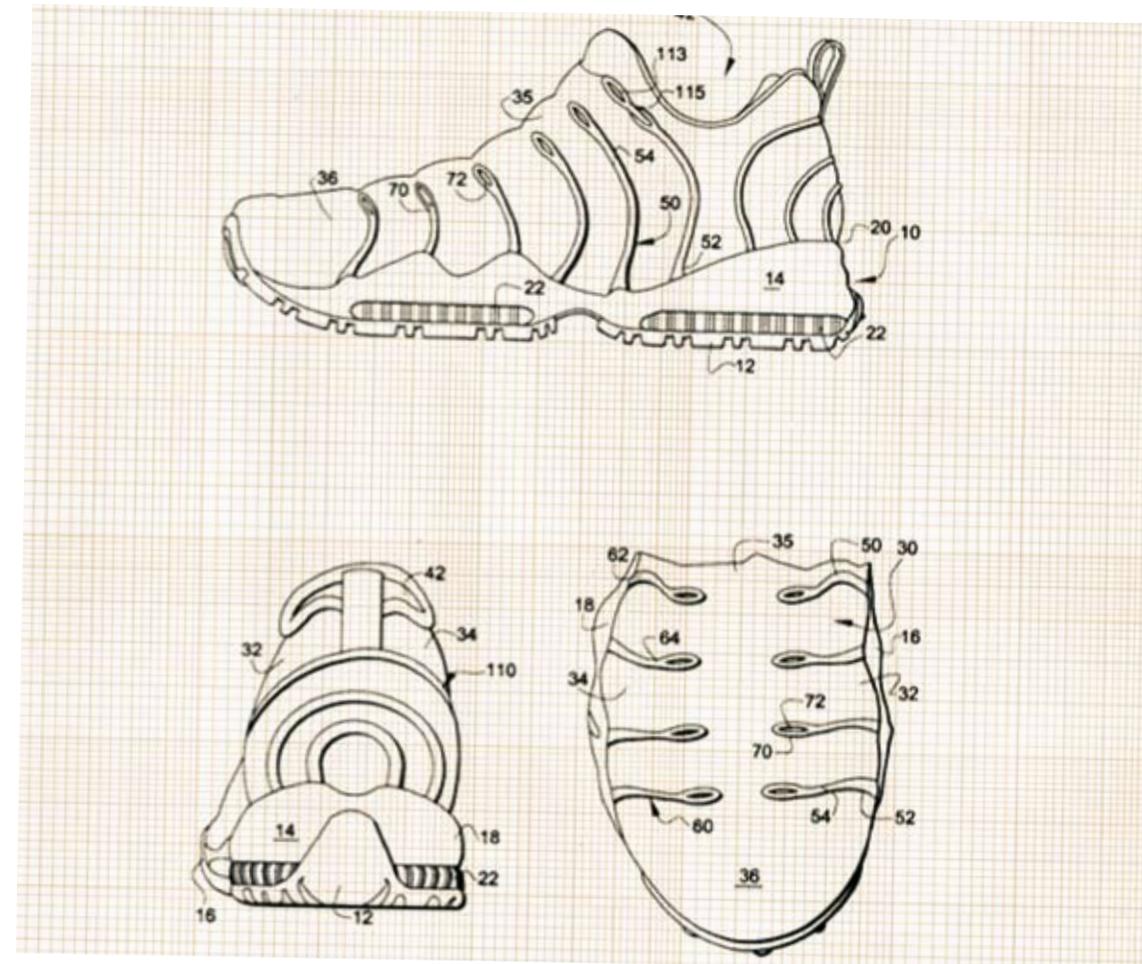
Uma solução é propor parcerias com o meio universitário, onde é possível encontrar projetos a custo mais acessível e equipes pensando no tema constantemente. Estratégia adicional é obter a contribuição do próprio *design* para transmitir ao consumidor o conceito de sustentabilidade, por exemplo, na escolha dos materiais e das características da embalagem dos produtos.

De produtos a cidades

As aparências *não* enganam. A estética de uma cidade, por exemplo, reflete dramas, sentimentos e valores de uma sociedade e seus habitantes. Os grandes centros expressam fisicamente os problemas de relacionamento entre os indivíduos. A insegurança empurra as pessoas para locais específicos. Condomínios fechados, shoppings. O individualismo dificulta as relações humanas nos lugares públicos, a desconfiança dos centros urbanos afasta. O outro é um perigoso estranho.

A rua se torna mero local de passagem, em vez de espaço para o relacionamento. Ali as pessoas não vivem, apenas transitam. Na cidade do movimento, as fachadas dos prédios são espelhadas. Os letreiros se tornam enormes, para que possam ser lidos por quem passa de carro, à distância. É o contrário de um centro antigo, onde a arquitetura é mais bem trabalhada. Ambiente próprio para quem anda a pé e tem tempo de apreciar, de perto, as construções.

Com isso, as grandes cidades estão perdendo sua identidade.



O indivíduo está em um lugar que poderia ser qualquer lugar do mundo. Prédio sobre prédio, pedra sobre pedra, há especialistas que apontam um caminho mais sustentável, amenizando impactos como os da falta de permeabilidade do solo, capazes de tornar as enchentes um problema cada vez pior.

Uma das soluções seria a construção da infraestrutura verde, descrita por um artigo da paisagista Cecilia Polacow Herzog, publicado no jornal *O Globo*, em abril, como “rede interconectada de espaços abertos vegetados (de preferência arborizados) que restabelece a estrutura da paisagem. **A ideia é que a cidade funcione como uma esponja, que seja o mais permeável possível**”. Permeável em todos os sentidos, até de relacionamento interpessoal.

O concreto dificulta o escoamento da água da chuva. Entretanto, é ele que predomina no horizonte, e contribui para que a cidade domestique a natureza. “Na Alemanha, a população preserva o mínimo espaço em que nasce um matinho. Aqui, joga-se veneno para matar a planta. No caso de córregos da cidade, não é mais possível identificar muitos, que estão escondidos em galerias”, observa Cecilia, diretora também da ONG Inverde e mestre em Urbanismo.

Em uma floresta, a água da chuva infiltra 90% no solo. Há regiões das cidades em que a infiltração é zero. A água busca saídas e, nesse encaminho, entope bueiros, carrega lixo e acumula em áreas onde não tem por onde escoar.

Na Coreia do Sul, o principal rio da capital, Seul, foi despoluí-

do e virou símbolo da recuperação de áreas degradadas. O viaduto, que passava sobre o curso d’água, acabou demolido. No entorno, foram construídos parques, com resgate da biodiversidade. O transporte público foi remodelado, o esgoto a céu aberto fechou e a qualidade do ar melhorou. A revitalização ocorreu em apenas quatro anos. (*mais sobre cidades em reportagem à pág. 36*)

A sustentabilidade, mal ou bem, vem alterando o modo de planejar cidades e produtos. No *design*, por exemplo, o termo eco se refere a uma categoria específica de projetos que levam em consideração a questão ecológica. “Em algum tempo, não haverá o termo *ecodesign* para apontar essa categoria. Qualquer produto terá como pré-requisito o pensamento sustentável. Tudo será muito diferente do presente. O jeito como foi feito até agora nos trouxe até aqui, mas, certamente, não nos levará ao futuro”, prevê Fred Gelli, sócio-fundador da agência Tátil e professor do Departamento de Artes & Design, da PUC-Rio.

A **biomimética**, em vez de destruir, estuda a natureza para ter inspiração na elaboração de novos modelos de produto, serviço ou negócios. O planeta Terra parece cada vez mais estar na moda. E a torcida é para que a moda não seja substituída no próximo verão.

Bio, do grego, significa vida. Mimética, imitação. O aprendizado com os processos da natureza para criar soluções em engenharia, design, entre outras áreas



SYLVO COUTINHO

Música para ver

No palco, a orquestra artesanal do grupo Uakti mais parece uma oficina de ferramentas surreais. Cada objeto em cena só passa a fazer sentido como instrumento quando os músicos começam a tocar. Há 32 anos, Artur Andrés, Paulo Santos e Décio Ramos produzem sons hipnóticos com painéis, potes, tubos de PVC e cabaças. Música orgânica que transmite a relação do trio mineiro com o tempo, o espaço e a natureza.

Idealizados pelo violoncelista Marco Antônio Guimarães, mentor do Uakti, os instrumentos acústicos são o ponto de partida para composições complexas que se tornaram referência em música instrumental. Agora, as peças sonoras vão ganhar um local para ficarem expostas de forma permanente em Belo Horizonte.

O Uakti está prestes a erguer sua nova sede, que deve combinar estúdio e um museu para abrigar criações como o Planetário (foto). No espaço, será possível conhecer de perto os cinco tipos de instrumentos da trupe, que se agrupam de acordo com a forma pela qual o som é produzido. Mais sobre as invenções e histórias do Uakti em www.uakti.com.br – por **Maria Lutterbach**

VIVA A MATA 2010

De 21 a 23 de maio
no Parque Ibirapuera. Sexta a domingo, das 9 às 18h.
Exposição, palestras, oficinas, brincadeiras, teatro...
PARTICIPE!!! Saiba mais: www.sosma.org.br

SOS MATA ATLÂNTICA

PREFEITURA DE SÃO PAULO
VERDE E MEIO AMBIENTE

Uso Consciente do Dinheiro. Um assunto tão importante que o Itaú faz questão de passar de mãe para filha desde 2004.

O Itaú sempre acreditou na importância de incentivar o uso consciente do dinheiro, porque assim você pode planejar sua vida financeira, fazer escolhas e tomar melhores decisões. É por isso que o Itaú foi o primeiro banco a orientar sobre a melhor forma de cuidar do seu dinheiro. Além das cartilhas e site com dicas para melhorar sua vida financeira, também investimos na formação de nossos colaboradores. E, por meio da Fundação Itaú Social e do Instituto Unibanco, realizamos parcerias para inserir educação financeira na formação de crianças e jovens. Porque a gente acredita que, quando cada brasileiro cresce, o país cresce também.

Saiba mais em: www.itaú.com.br/usoconsciente

Itaú. Feito para você.



Primeira cartilha
de 2004



Novas cartilhas
de 2010